

# Hábitos de Leitura de Adolescentes em Angola: o caso dos alunos do 1.º ciclo do ensino secundário da Escola Baptista - Huambo

**Jacinta Imbo Cangombe Cambala**

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação**

**Orientação:** Professora Doutora Manuela Barreto Nunes

Novembro, 2018



UNIVERSIDADE PORTUGALENSE

Jacinta Imbo Cangombe Cambala

## **Hábitos de Leitura de Adolescentes em Angola: o caso dos alunos do 1.º ciclo do ensino secundário da Escola Baptista – Huambo**

Dissertação de Mestrado na área de Ciências da Educação apresentada à Universidade Portucalense Infante D. Henrique para obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação, sob a orientação da Professora Doutora Manuela Barreto Nunes

Departamento de Psicologia e Educação

Novembro, 2018



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Aos meus pais

Ao meu esposo

Aos meus filhos

Aos meus familiares

# AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar o meu especial agradecimento a todos que, direta ou indiretamente, permitiram e colaboraram para o desfecho desta formação académica.

Ao Supremo Deus pelo dom de vida.

A todos os meus professores, em especial a minha orientadora a Prof. Doutora Manuela Barreto Nunes, pela confiança, motivação e dedicação que sempre prestou ao longo da dissertação.

Aos meus pais, José Galatias e Antónia Ngoma, a oportunidade que me prestaram ao dar os primeiros passos na vida, o sacrifício, o apoio moral, o amor que me deram e me educaram, o meu profundo agradecimento.

Aos meus irmãos Eurico Lionjanga Cangombe e Fernando Chicuacauala Cangombe, e Pedro Chiquito, o apoio e carinho que me deram ao longo desta caminhada, permitindo desde muito cedo o sucesso em toda a formação académica.

Ao meu esposo Evaristo Cambala, por toda a atenção, paciência, carinho e apoio que demonstrou, em todos os momentos, sendo uma forte contribuição para ultrapassar todos os obstáculos.

À minha estimada colega Josefa Chova Getrudes Wachissanda, os aconchegos e prestimosa amabilidade ao longo deste trabalho, o meu muito obrigado.

À Direcção da CESPU-FORMAÇÃO, que com muita sabedoria e perspetiva fez com que a CESPU, fosse extensiva a Angola, dando um contributo formativo, o meu muito obrigada.

À CESPU-FORMAÇÃO – Huambo, que nos acompanhou nos momentos mais difíceis da formação, suportando as nossas limitações, o meu imenso agradecimento.

Aos docentes que não pouparam sacrifício, a paciência com que se adaptaram ao novo contexto angolano e o nosso enriquecimento com os seus conhecimentos e sabedoria, o meu agradecimento.

Agradeço a todos os meus colegas de curso de Ciências da Educação, que contribuíram para que esta jornada tivesse o desfecho desejado.

## RESUMO

A presente dissertação aborda a problemática dos hábitos de leitura na população juvenil no contexto Angolano, a partir de um estudo de caso. Assim, nesta pesquisa, procurou-se conhecer os hábitos e práticas de leitura dos alunos do 1.º ciclo do ensino secundário numa escola do Huambo, e paralelamente discutir estratégias de promoção dos referidos hábitos de leitura junto dos adolescentes.

No campo da revisão da literatura, discute-se a importância da leitura e das estratégias que promovem a leitura, as práticas positivas no processo docente educativo e suas implicações na formação do futuro leitor, analisando o papel das famílias e do professor na promoção da leitura, no contexto angolano.

Utilizou-se, como método, o estudo de caso, e como instrumento de recolha de dados o inquérito por questionário, tendo os resultados sido comparados com outras pesquisas da mesma natureza, o que permitiu contextualizar os dados obtidos no contexto teórico do campo de estudo, em comparação com estudos de natureza semelhante desenvolvidos em países Africanos.

Os resultados mostram que os alunos têm poucos hábitos de leitura e que o papel da escola e do professor são fundamentais no contacto com o livro e no desenvolvimento destes hábitos.

A análise descritiva dos dados e as reflexões sobre os dados dos inquéritos tornam relevante, como subsídio empírico, a pertinência da pesquisa, permitindo definir estratégias para a promoção da leitura no contexto estudado.

**Palavras-chave:** Promoção da leitura; Hábitos de leitura; Leitura juvenil; Huambo - Angola; Escola Baptista - Huambo

# ABSTRACT

This essay discusses the problem of reading habits in young people in the Angolan context.

In this study, we sought to know the habits and practices of students' reading of 1.<sup>o</sup> cycle of secondary education in a school in Huambo district, and in parallel to discuss strategies for the promotion of those reading habits among adolescents.

The literature review discusses the importance of reading and the strategies that promote reading, and the positive practices in the educational process of education and its implications on the formation of the future reader, analyzing the role of the student and the teacher in educational contexts, pedagogical, social and cultural development.

It was used as a method, the case study, and as an instrument of data collection the survey by questionnaire, and the results were compared with other studies of the same nature, which allowed to contextualize the data obtained in the theoretical context of the field of study and also on empirical field, in comparison with similar studies carried out in African countries.

The results show that students have few reading habits and that the role of the school and the teacher are fundamental in contact with the book and in the development of these habits.

The descriptive analysis of the data and reflections on the data of the surveys are relevant, as empirical allowance, the relevance of the research, allowing to define strategies for the promotion of reading in the context studied.

**Keywords:** Reading promotion; Reading habits; Reading strategies; Youth reading; Huambo

# SUMÁRIO

<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS .....</b>	<b>8</b>
<b>ÍNDICE DE TABELAS .....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1ª PARTE - ESTUDO TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAP. 1 - HÁBITOS DE LEITURA.....</b>	<b>16</b>
<b>CAP. 2 - DESENVOLVER HÁBITOS DE LEITURA.....</b>	<b>21</b>
<b>CAP. 3 - ESTRATÉGIAS PARA A PROMOÇÃO DE HÁBITOS DE LEITURA .....</b>	<b>27</b>
<b>2ª PARTE - ESTUDO EMPÍRICO .....</b>	<b>33</b>
<b>CAP. 4 - MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>34</b>
NATUREZA DO ESTUDO .....	34
ESTRUTURA DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO.....	35
CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA.....	36
<b>CAP. 5 - CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA DO I CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO BAPTISTA - HUAMBO .....</b>	<b>38</b>
REGIME E ADMINISTRAÇÃO DA ESCOLA .....	38
LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA .....	39
EDIFÍCIO, ORGANIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES LECTIVAS E RECURSOS HUMANOS.....	39
<b>CAP. 6 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>41</b>
A. CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES.....	41
B. HÁBITOS DE LEITURA .....	45
C. ATITUDES PERANTE A LEITURA .....	54
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>61</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICE - QUESTIONÁRIO SOBRE HÁBITOS DE LEITURA.....</b>	<b>69</b>

# ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sexo .....	41
Gráfico 2 – Idade.....	42
Gráfico 3 - Habilitações literárias dos pais e mães .....	43
Gráfico 4 - Gosto individual pela leitura .....	45
Gráfico 5 - Auto-avaliação das competências de leitura .....	46
Gráfico 6: Frequência da leitura .....	47
Gráfico 7: Auto-avaliação da necessidade de leitura .....	48
Gráfico 8: Número de livros existentes em casa .....	49
Gráfico 9: Agentes que intervieram na aprendizagem da leitura.....	50
Gráfico 10 – Socialização da leitura.....	51
Gráfico 11 - Suporte de leitura preferido .....	52
Gráfico 12: Recursos de informação e entretenimento existentes em casa ....	53
Gráfico 13: Opinião sobre a leitura.....	54

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Profissão dos Pais e Mães.....	44
Tabela 2 - Eu leio porque.....	55
Tabela 3: Preferências de leitura .....	56
Tabela 4: Eu leria mais, se.....	58
Tabela 5: Que tipo de atividades achas que poderiam ajudar-te a ler? .....	59

## INTRODUÇÃO

A leitura é reconhecida como uma competência capaz de transformar a vida dos indivíduos, bem como de toda a sociedade. No entanto, no relatório *State of the World's Children* de 1999 (Bellamy, 1999), afirmava-se que quase mil milhões de pessoas entrariam no século XXI sem serem capazes de ler um livro ou escrever os seus nomes. Esta realidade mantém-se quase 20 anos depois, revelando-se mais trágica quando se comparam os níveis de acesso à informação e à tecnologia entre os países desenvolvidos e regiões do mundo como o continente Africano. No mais recente relatório *State of the World Children's Report* (UNICEF, 2017), dedicado à Era Digital, é demonstrado que, numa época em que navegar na Internet, jogar *online* e trocar mensagens instantâneas parecem ser a ordem do dia, a diferença entre o acesso à Internet entre uma criança Europeia e outra Africana é abissal: se, na Europa, apenas uma em cada 25 crianças está *offline*, em África esse número desce drasticamente para três em cada cinco. O problema é tanto maior quanto, de acordo com o mesmo Relatório, “mesmo para aqueles que estão a adquirir competências básicas de leitura e habilidades matemáticas, os locais de trabalho do futuro, cada vez mais, exigem competências digitais - literacia digital” (UNICEF, 2017, p. 30) -, ou seja, para além de ler, escrever e contar, saber processar toda a informação no meio digital. Mas, para se chegar ao digital com competências literácicas, é preciso primeiro ter desenvolvido hábitos de leitura, nomeadamente de leitura literária.

Se, nos países desenvolvidos, a leitura dum livro num canto tranquilo de uma biblioteca é habitual desde os bancos da primeira infância, em muitos países Africanos, e concretamente em Angola, esses hábitos de leitura generalizados nunca chegaram verdadeiramente a existir, e a passagem para a leitura digital tão pouco está a acontecer. Na África Sub-Sahariana, em particular, os problemas do analfabetismo e da escassez de recursos de aprendizagem

limitam seriamente as oportunidades que as pessoas têm de aprender e de transmitir as suas circunstâncias (Tella & Akande, 2007).

A leitura é uma questão muito importante que não é só diversão, mas uma necessidade; ela é a ferramenta básica da educação (Makotsi, 2005, citado por Edeole & Adejoke, 2016). A leitura abre caminho para uma melhor compreensão das experiências de cada um e pode ser uma emocionante viagem de auto-descoberta e de descoberta dos outros (Panigrahi & Panda, 1996; Forster, 2005). É a arte de interpretar as palavras impressas e escritas, o mais eficaz processo de aprendizagem consciente que influencia o alcance e a precisão das informações, bem como as atitudes, costumes, crenças, de julgamento e de ação, dos leitores (Devarajan & Grey, citado por Panigrahi & Panda, 1996).

No continente africano, os hábitos de leitura das crianças, em vez de aumentarem com algum aumento do investimento em educação, estão a diminuir. A causa deste fenómeno é atribuída à importância da cultura oral e a uma fraca cultura de leitura por parte dos povos africanos em geral, mas também a outros fatores, como a não disponibilidade de materiais de leitura (livros), nomeadamente nas escolas. É uma situação trágica para o desenvolvimento dos países desta região do mundo pois, como afirma Choudhung (1990, citado por Busayo, 2011), "o hábito de leitura é melhor formado durante as idades mais tenras e impressionáveis, na escola, mas, uma vez formado, ele pode durar uma vida" - e será útil durante toda a vida, permitindo melhorar as circunstâncias de cada um.

As crianças adquirem hábitos de leitura e competências de literacia através de uma variedade de atividades e experiências em diferentes contextos. De acordo com Sharma (1978), para saber sobre o mundo e seu ambiente, uma criança ajuda-se a si própria através da leitura de livros, jornais, revistas e outros. Baseados neste facto, Panagrahi e Panda (1996) explicam que, quando a criança foi ensinada a ler e a desenvolver um amor pelos livros, ela pode explorar por si própria a riqueza da experiência humana e do conhecimento. Segundo os mesmos autores, "perdendo a oportunidade de entrar em contato com livros, nesta fase, é difícil às crianças adquirir o hábito da leitura nos anos posteriores." Dave (1977) afirma que a leitura é uma ação intelectual que só é possível se a

pessoa tiver formado um hábito da leitura e desenvolvido a sua prática desde a infância.

Pode deduzir-se do acima exposto que a importância da leitura não é nunca sobrevalorizada, e isto porque o hábito de leitura desempenha um papel crucial na habilitação de uma pessoa para alcançar eficácia prática. Os livros são o mais adequado meio através do qual o conhecimento é transmitido de geração em geração.

Salientou-se acima que a maioria das pessoas na África Sub-Sahariana têm menos acesso a livros ou outros recursos de aprendizagem e, sem acesso, é difícil estabelecer uma cultura de leitura. Este é um desafio fundamental. Crianças e adultos, segundo Makotsi (2005), necessitam de ter acesso a uma vasta gama de materiais de leitura que os ajudem a adquirir e manter habilidades de leitura fluente, alargar horizontes e pensar de forma independente e crítica. Melhorar o acesso a informações relevantes e a promoção de uma cultura de leitura são pré-requisitos para o reforço da alfabetização e da educação, para ampliar as oportunidades de aprendizagem, e para ajudar as pessoas a combater as causas da pobreza.

A natureza não progressiva de alfabetização em quase todos os países africanos é mais prevalente. A questão vai além do nível de escolaridade: se os pais não sabem eles próprios ler, são incapazes de ajudar os seus filhos a ler, e o ciclo continua. A situação em Angola não é diferente de outros países africanos, porém, o nível de alfabetização já está melhorando: ele é de quase 70% na população maior de 15 anos, de acordo com os dados da UNESCO relativos a 2014, o ano mais recente a que se refere a informação estatística disponível (<http://uis.unesco.org/country/AO>).

Pelo exposto, compreende-se que a leitura é uma habilidade crucial para o desenvolvimento integral e o sucesso educativo de estudantes em todos os níveis de ensino no mundo de hoje. No entanto, e não obstante não se encontre qualquer estudo sobre o assunto dedicado à realidade Angolana, parece ser um facto que muitos alunos angolanos deixam a Escola com fraca capacidade de leitura, sendo necessário tentar compreender o fenómeno para que o sistema educativo possa procurar superá-lo e desenvolver hábitos de leitura em suas

crianças e jovens. Esta convicção é-nos dada pela observação da realidade, comprovada por estudos realizados em países da África Sub-Sahariana, como a Nigéria, o Gana, o Botswana ou o Malawi, cujas realidades se aproximam muito da Angolana, permitindo-nos inferir que uma investigação de âmbito nacional encontraria resultados semelhantes.

Em consequência, procurou-se com este trabalho desenvolver um estudo de caso a partir da seguinte pergunta: quais são os hábitos de leitura dos alunos do 1.º ciclo do ensino secundário da Escola Baptista - Huambo?

No contexto da questão apresentada, o principal objectivo que pretendemos atingir é conhecer os hábitos de leitura dos alunos do 1.º ciclo do ensino secundário da Escola Baptista - Huambo, de maneira a poder definir um conjunto de estratégias que permitam promover a leitura junto da população juvenil do 1.º ciclo do ensino secundário.

A partir deste objectivo geral, consideram-se também os seguintes objectivos específicos.

- Fundamentar teoricamente as estratégias que permitem o desenvolvimento da leitura na população juvenil do 1º ciclo do ensino secundário da escola Baptista-Huambo.
- Diagnosticar os elementos essenciais a ter em conta para a promoção da leitura na população juvenil do 1º ciclo do ensino secundário da Escola Baptista-Huambo.

Para dar resposta ao problema de investigação, ao objectivo geral e aos objectivos específicos, foi definida uma metodologia, escolhida a amostra e seleccionado um método de abordagem e instrumentos de recolha e análise de dados. No contexto de uma abordagem quantitativa, que permite a apresentação de um retrato da realidade, sem necessidade de aprofundamento, escolheu-se o estudo de caso, contextualizado na Escola Baptista-Huambo, local de trabalho da autora desta dissertação. Como instrumento de recolha de dados optou-se pela elaboração de um inquérito por questionário e, como método de análise, pela estatística descritiva, utilizando o programa *Numbers* para o tratamento e a visualização dos dados.

O estudo é limitado por uma amostra reduzida e não representativa dentro do universo escolar, e também pelo facto de, como se verá mais adiante neste trabalho, a Escola ser frequentada por uma população oriunda da classe média, com hábitos e práticas de leitura acima da média do que seria um retrato nacional. Não obstante, permite observar um microcosmos e desenhar algumas estratégias de promoção da leitura a partir dos resultados obtidos.

O presente trabalho encontra-se estruturado em duas partes: uma teórica, onde é apresentada a revisão da literatura, e outra empírica, na qual se apresenta a metodologia seguida e os resultados da investigação. Cada parte é constituída por três capítulos: na Parte I, o primeiro capítulo dedica-se à abordagem do conceito de hábitos de leitura, o segundo à discussão sobre o desenvolvimento e a promoção de hábitos de leitura e o terceiro à apresentação das estratégias mais consensuais entre os autores estudados, relativamente à concretização de actividades de promoção da leitura junto dos alunos do ensino secundário; na Parte II, o capítulo IV explica o material e métodos, i.e., a natureza e objectivos da investigação, os instrumentos de recolha e análise de dados adoptados, a população e a amostra, enquanto o capítulo V fornece o contexto do estudo, descrevendo a Escola Baptista - Huambo e o capítulo VI procede à descrição e análise dos resultados. Tendo iniciado com a presente Introdução, o estudo encerra com as Conclusões e a Bibliografia - esta foi tratada de acordo com a Norma APA, 6.<sup>a</sup> edição, e fundada sobretudo em autores Africanos, que tratam realidades próximas da Angolana e, por isso, nos pareceram mais pertinentes como fonte de informação do que outros trabalhos de natureza idêntica dedicados às realidades europeia ou americana, mais abundantes, mas menos relevantes para a revisão da literatura no contexto estudado.

## **1ª PARTE - ESTUDO TEÓRICO**

## CAP. 1 - HÁBITOS DE LEITURA

O hábito é algo que se faz repetidamente geralmente sem consciência; portanto, os hábitos de leitura podem ser descritos como leitura voraz. A leitura desenvolve a mente, a imaginação, os potenciais criativos, melhora a ortografia e expande o vocabulário. Um estudante que não tenha bons hábitos de leitura acharia difícil fluir junto com seus colegas. Supõe-se que os alunos com bons hábitos de leitura achem a escola interessante. Quando uma base sólida é colocada tanto na escola como em casa pelos pais, a nação certamente será transformada em uma sociedade de leitura (Ogugua, Emerole, Egwim, Anyanwu, & Haco-Obasi, 2015). O hábito da leitura só pode ser cultivado através da leitura regular e intensa de vários materiais de leitura, como livros, revistas, romances e jornais, pelos alunos, a fim de adquirir conhecimentos que serão aplicados para na sua vida escolar e no seu futuro profissional. Os estudantes que são ávidos leitores não perderiam ideias para ter avanços em qualquer empreendimento da vida.

Smith e Robinson (1980) definiram a leitura como “uma tentativa ativa por parte do leitor de entender a mensagem de um escritor”. Assim, existem dois problemas essenciais envolvidos em aprender a ler. Primeiro, há o problema de “decifrar o código”. Isso envolve aprender a correlacionar os sons da fala da linguagem aos símbolos escritos usados para apresentar os sons da fala. O segundo problema envolve as habilidades mais sofisticadas de analisar, raciocinar, pensar, imaginar e julgar como se lê. Todas essas atividades exigem um conhecimento suficientemente bom da sintaxe ou da estrutura da linguagem, bem como da semântica ou das correlações de significado de palavras. O grau e nível de raciocínio, imaginação e julgamento requeridos no processo de leitura dependem em grande parte do propósito específico da leitura.

Onwubiko (1985) resumiu os propósitos da leitura em quatro tipos principais. Esses são:

- (1) ler por prazer, lazer e relaxamento;
- (2) ler para informação;

- (3) ler para conhecimento (estudar); e
- (4) ler para qualquer combinação dos itens acima.

Os dois últimos propósitos são os mais exigentes em termos da totalidade de atividades envolvidas no hábito de ler das crianças e jovens dentro de qualquer sociedade e dentro da cultura de leitura em sua sociedade. Na Angola de hoje, a leitura não pode ser considerada um modo de vida. Recentemente, o valor dos livros e da leitura foi reconhecido e apreciado, nomeadamente através da criação de uma rede de Mediatecas que cobre as principais províncias do país, mas esse nível de apreciação não atingiu toda a sociedade. De certa forma, os incentivos para a leitura são sobretudo utilitários, ou seja, passar um exame e, portanto, possuir um certificado que ajude a conseguir um bom trabalho. A maioria dos angolanos parece ver os livros e a leitura como um meio para atingir um fim. A situação é semelhante à de outros países africanos, como a Nigéria, e não mudou desde os finais dos anos 70 do século passado, quando Iziren a descreveu com estas palavras:

É preocupante que em nosso país a maioria das pessoas vá a bibliotecas para estudar para exames. A pessoa que, depois de passar nos exames, ainda frequenta bibliotecas para ler por prazer ou enriquecimento intelectual é visto como alguém que tem pouco mais a fazer (Iziren, 1977).

No entanto, para um indivíduo encontrar seu caminho no mundo complexo e em rápida mudança em que vivemos, a leitura deve transcender apenas a aprovação nos exames. A leitura é uma ferramenta indispensável para alcançar a estabilidade emocional, aproveitar as horas de lazer, compartilhar as experiências difíceis encontradas nos livros e acompanhar os acontecimentos do mundo em geral. Por esta razão, professores, pais, bibliotecários e todos os envolvidos com a formação do crescimento emocional, cultural e educacional e o desenvolvimento intelectual das crianças devem inculcar e nutrir neles bons hábitos de leitura que, por sua vez, despertarão o seu interesse pela leitura ao longo da vida. Note-se que, enquanto os interesses denotam tendências

persistentes, o hábito pode ser descrito como uma sequência de estímulo-resposta aprendida. É depois de formar o hábito de leitura que se espera que os alunos desenvolvam interesse e preferências.

Os hábitos de leitura são essenciais, não apenas para a aprendizagem, mas para o desenvolvimento pessoal e humano. Para além de resultarem num maior sucesso educativo, promovem a auto-estima, o crescimento intelectual e a maturação de valores morais e éticos. Na verdade, a leitura proporciona experiências que levam ao alargamento dos horizontes de conhecimento, à identificação de interesses próprios e à extensão e intensificação do conhecimento de si mesmo e dos outros, num sentido universal (Oyewusi, 2016). De acordo com Ogugua, Emerole, Anyanwu e Haco-Obasi (2015), um leitor reconhece-se pela capacidade de compreender o significado de qualquer texto escrito, de avaliar o seu significado e utilizar o que leu para criar novo conhecimento ou aplicar em aspectos práticos da vida real, ou ainda para obter prazer e entretenimento. Ao ler, o estudante desenvolve o seu vocabulário, as habilidades para a escrita, a fluência na leitura, o enriquecimento cultural e da linguagem, o pensamento crítico, o envolvimento pessoal na vida social, o conhecimento prático e a inteligência emocional. - esta é uma concepção que também encaixa no conceito de literacia informacional, tal como definida por diversos autores.

Para a International Reading Association (2000), a criança que, desde a mais tenra idade, é exposta à leitura de livros, jornais e revistas adquire de forma quase inconsciente conhecimentos básicos e fundamentais sobre o mundo que a rodeia. À medida que a criança é exposta à leitura e desenvolve o gosto pelos livros, torna-se-lhe mais fácil explorar a riqueza do conhecimento humano; ao contrário, se esta oportunidade é perdida durante a infância, então será muito mais difícil desenvolver hábitos de leitura nas etapas seguintes do crescimento, e a criança dificilmente se transformará num leitor na idade adulta. Por outro lado, a leitura frequente está relacionada com o desenvolvimento de estruturas da linguagem mais sofisticadas, níveis de compreensão mais elevados, competências de análise crítica mais complexas e fluência na leitura e na expressão oral e escrita.

Entre os fatores que contribuem para a persistência de um baixo padrão de leitura nas escolas angolanas, coloca-se a hipótese de constarem os seguintes, que foram detetados em escolas nigerianas, do Gana e do Botswana há já mais de 40 anos, e que persistem hoje:

- fatores emocionais e psicológicos que afetam diretamente os alunos (Chumbow, 1981);

- fatores domésticos adversos do histórico da criança, que podem variar de falta de apoio e encorajamento doméstico à falta de instalações para ler em casa - a casa tradicional é como um mercado social em que a solidão é desencorajada, promovendo o ruído que distrai da leitura (Ogunsheye, 1976);

- a síndrome autoritária associada à sociedade africana afeta negativamente o hábito de leitura das crianças ao inibir o desenvolvimento de atitudes inquisitivas (Kotei, 1978)

- condições em ambientes escolares, incluindo: métodos ineficazes e ineficientes para ensinar a ler, professores não treinados com respeito a métodos apropriados de lidar com métodos e técnicas modernos, salas de aula superlotadas, a escassez de professores de idiomas treinados e a falta de bibliotecas (Nzeako, 1984).

Note-se também que a aquisição de bons hábitos de leitura depende da disponibilidade de livros adequados às diversas faixas etárias. Em África, deve igualmente notar-se que, para além da língua oficial de cada país, normalmente a língua do país que o colonizou (no caso de Angola, o Português), existe uma multiplicidade de línguas nativas, que constituem a língua materna das crianças. Ora, se as crianças começam a falar na língua materna, se é essa a língua falada no seio da família e dos amigos, os primeiros livros, as primeiras leituras deveriam ser feitas nessa mesma língua - que, no Huambo, corresponde ao Umbundu. No entanto, a edição de livros em Angola, mesmo em Português, é escassa, devido aos preços proibitivos da publicação em papel, e é praticamente inexistente nas línguas nativas, o Umbundu ou outras. Torna-se assim ainda mais difícil conseguir que as crianças desenvolvam um interesse na leitura desde a mais tenra idade, ou que, havendo alguma leitura, esse interesse se mantenha de forma sustentada até ao ensino secundário ou ao longo da vida - pura e

simplesmente, não há bibliotecas nas escolas, não há à venda livros nas línguas maternas e o preço dos livros, quase todos editados em Portugal, à venda nas bancas de rua, é proibitivo.

## **CAP. 2 - DESENVOLVER HÁBITOS DE LEITURA**

De acordo com Shangkaeo (1999), o termo “hábitos de leitura” refere-se a um tipo de comportamento que exprime o gosto pela leitura de um indivíduo, e que se reflecte numa forma de organização própria das leituras e na expressão palpável de tipos e gostos de leitura.

Como bem refere Busayo (2011), a leitura é “o coração da auto-aprendizagem e da aprendizagem ao longo da vida”. Desenvolver bons hábitos de leitura é essencial para os alunos, porque eles vão permitir a leitura com facilidade, e proporcionar oportunidade de obter melhores realizações em qualquer tarefa. No entanto, muitos alunos não abraçam os hábitos de leitura da forma como se espera, portanto, há necessidade de cultivar um bom hábito de leitura no início da vida de cada aluno, que actuaria como um catalisador para o seu desenvolvimento pessoal e aprendizagem ao longo da vida. Há um provérbio geral que diz que os leitores são líderes: quando um estudante é um leitor ávido, ele terá uma vantagem sobre seus colegas, que são leitores ocasionais, uma vez que, através da leitura, ele adquiriria a inspiração, a informação e um conhecimento mais rico do mundo ao seu redor. De acordo com Davidovitch, Yavich e Druckman (2016), a aquisição de hábitos de leitura é um processo gradual de letras, palavras, frases, parágrafos e textos completos. É evidente que o desenvolvimento do hábito de boa leitura não é repentino. Promover a leitura para o prazer é fundamental para o empoderamento dos alunos para se tornarem leitores ao longo da vida e ter carreiras bem-sucedidas. Ngwoke (2016) salientou que o ato da leitura é esperado fazer parte dos hábitos dos estudantes, e que o bom hábito da leitura é um precursor do domínio das estratégias da correta recuperação da informação, da aprendizagem e da comunicação. A leitura é uma ferramenta indispensável à aprendizagem, faz parte integrante de qualquer situação de aprendizagem, e é o alicerce da educação (Haliru, Abdulkarim, Mohammed, & Dangani, 2015). A leitura é fundamental para ações intelectuais e também uma habilidade essencial para a aprendizagem ao longo da vida. Strivastar (citado por Panigrahi e Panda, 1996) considera que o estudo

autónomo, aquele que é feito não directamente, ao ritmo de cada um, pode ser considerado tecnicamente como hábito de leitura.

Referindo-se à realidade do Gana, Adu-Sarkodee, Asante e Akussah (2015) argumentam que há uma necessidade urgente de desenvolver hábitos de leitura entre os cidadãos, principalmente estudantes de escolas secundárias. Não obstante, desenvolver os hábitos de leitura dos alunos do ensino médio deve envolver a revisitação do que aconteceu na escola primária. Em Angola, uma simples visita às escolas do ensino básico de qualquer província permite observar que a maioria delas não tem bibliotecas ou, se as tem, elas não são funcionais, que não há livros e professores que possam promover a leitura no ensino fundamental e, portanto, pode-se concluir que os problemas que afetam a leitura no nível do ensino médio vêm transferidos do nível elementar de Educação. O mais lamentável é que os alunos do ensino médio vivenciam o mesmo cenário, e a maioria das bibliotecas escolares, quando existem, não está adequadamente equipada para desenvolver ou apoiar os hábitos de leitura dos alunos. Muitos deles não são abastecidos com materiais adequados ou não empregam professores com qualificações para gerirem as bibliotecas. Assim, praticamente não há nada para motivar os alunos a desenvolver bons hábitos de leitura. Não é de admirar: os dados da UNESCO demonstram que, ao abandonarem a escola primária, muito alunos não adquiriram hábitos de leitura adequados e terminam a sua carreira na escola primária como analfabetos, aumentando assim a população analfabeta em Angola. Quando a eles têm acesso, é evidente que os alunos preferem aceder a sites ou redes sociais em detrimento da leitura de livros, revistas e romances, entre outros, o que compõe e corrói o problema dos maus hábitos de leitura: nas redes sociais lê-se mas, sem se terem adquirido as competências básicas de leitura, não se desenvolvem hábitos de leitura sustentados e o jovem torna-se presa fácil de desinformação e propaganda.

Existem vários fatores que dificultam o desenvolvimento de bons hábitos de leitura entre os estudantes do ensino secundário em Angola. Embora não tenhamos conhecimento de nenhum estudo científico sobre a matéria a nível nacional, o conhecimento empírico da realidade permite-nos concluir que esta é

idêntica há de muitos Estados Africanos da região Sub-Sahariana. Assim, podem ser apontados os seguintes fatores: falta de bibliotecas escolares funcionais nas escolas secundárias, grande percentagem de materiais de informação obsoletos entre as bibliotecas, falta de bibliotecários profissionais, falta de ambiente convidativo e propício para a leitura, falta de fundos adequados do governo para adquirir materiais de informação que cobrirão a leitura intensiva e extensiva, inexistência de bibliotecas públicas (as Mediatecas provinciais e as poucas bibliotecas municipais que sobreviveram à guerra civil não chegam, nem de longe, para cobrir toda a população, e debatem-se com falta de financiamento), alta taxa de pobreza, analfabetismo ou fraca instrução, resultando na falta de uma cultura de leitura em casa, entre outros. Reportando-se à realidade da Nigéria, Ogunrombi e Gboyega (1995) destacaram fatores inibidores: o histórico familiar de estudantes onde poucas casas são propícias à leitura devido ao ruído e falta de materiais de leitura, mas também ao analfabetismo de muitos pais que, não sabendo ler, não podem ajudar os filhos a desenvolver hábitos de leitura - e o ciclo continua...; a falta de bibliotecas funcionais na maioria das escolas pesquisadas e uma falta similar de bibliotecários treinados ou professores bibliotecários; falta de professores de línguas e escassez de equipamentos e recursos para o ensino de competências de leitura; e uma forte dependência dos textos escolares.

Na verdade, a cultura da leitura na África Sub-Sahariana não é encorajada. Shangkaeo (1999) afirma sem rodeios que a sociedade Africana não é leitora, mas antes conversadora, e que a oralidade é a base da transmissão da cultura e do conhecimento em África. Um outro autor, Darko-Ampem (2005) concorda, reconhecendo que o grande fosso existente entre a casa e a escola, o reconhecimento do sistema educativo da importância da cultura oral das comunidades, nomeadamente o folclore e a tradição dos contadores de histórias, assim como a falta de materiais culturalmente relevantes nas línguas autóctones são, no seu conjunto, factores que contribuem para a falta de uma cultura de leitura em muitas comunidades Africanas. O contexto da sociedade contemporânea também não ajuda a uma cultura de leitura: o sistema de valores mudou, e a busca pelo bem-estar material sobreleva a busca pelo conhecimento.

Vários investigadores debruçaram-se sobre a importância do ambiente familiar para a promoção de hábitos de leitura nas crianças. Muito antes de as crianças desenvolverem as competências cognitivas e linguísticas necessárias para a leitura, as primeiras experiências com a língua impressa e oral estabelecem um fundamento para a aprendizagem (Verhoeven, citado por Dent e Yannotta, 2005), incentivando as crianças a explorar e experimentar a linguagem e a leitura em vários tipos de suportes da informação. Tella e Akande (2007) apresentam alguns dos principais aspectos do ambiente familiar que contribuem para o desenvolvimento de hábitos de leitura:

✓ Atividades de promoção da Literacia - actividades relacionadas com a literacia em que os pais ou encarregados de educação se envolvem com as crianças, ou as incentivam e apoiam (Gadsden, 1999). Ao desenvolverem a oralidade, as crianças aprendem as regras de uso da linguagem. Este conhecimento será traduzido em expectativas para a língua impressa também. Adultos e crianças mais velhas lendo em voz alta para crianças pequenas, e a associação precoce de um sentimento de prazer à leitura do texto impresso estabelecem uma atitude positiva que tende a motivar jovens leitores (Martin, Mullis e Gonzales, citados por Dent e Yannotta, 2005).

✓ Língua em casa - a aprendizagem da leitura depende muito da experiência inicial com a língua. A língua falada em casa, e a forma como a língua é usada são fatores importantes na leitura literária. As crianças cujo conhecimento da língua utilizada na instrução da leitura formal é substancialmente inferior ao esperado das crianças dessa idade, estão provavelmente numa situação de desvantagem inicial. Utilização de diferentes línguas ou dialetos em casa e na escola podem causar problemas para os jovens estudantes que aprendem a ler.

✓ Recursos económicos - aspectos importantes do ambiente doméstico incluem a disponibilidade de material de leitura e recursos educacionais. Os lares que disponibilizam esses recursos transmitem às crianças a expectativa de que aprender a ler é um objetivo desejável e válido.

✓ Recursos sociais e culturais - a sociedade e a cultura são inerentes às influências na percepção da importância da leitura para o sucesso académico

e pessoal. Pais e educadores envolvidos em actividades culturais estimulam nas crianças atitudes positivas em relação à leitura. Para a maioria das crianças, o lar fornece modelização e orientação directa em práticas de alfabetização eficazes. Para além da modelização, os pais ou educadores podem apoiar directamente o desenvolvimento da leitura, exprimindo opiniões positivas sobre leitura e a aprendizagem.

✓ Ligação casa-escola - os alunos que discutem os seus estudos e as suas leituras com os pais ou educadores são mais bem sucedidos do que aqueles que não o fazem (Mullis, Martin, González e Kennedy, 2003, citados por Darko-Ampem, 2004). Pais comprometidos com as tarefas escolares dos seus filhos podem reforçar o valor de aprender a ler, monitorar a conclusão das tarefas de leitura das crianças para a escola, e incentivá-las através de elogios e apoio.

✓ Actividades de alfabetização fora da escola - a criança não só gosta de ler para recreação, mas também para praticar conhecimentos e aplicar novas capacidades que está a aprender. A leitura por diversão ou para investigar temas de interesse é a marca da leitura ao longo da vida. A criança pode optar por passar o seu tempo fora da escola lendo livros ou revistas, procurando informações na Internet, ou frequentando uma biblioteca pública (Shapiro e Whitney, citado por Dumea, 2001).

Tella e Akande (2007) observaram igualmente que muitos fatores na escola afetam a aquisição de hábitos de leitura, direta ou indiretamente. Estes incluem:

✓ Política educativa e política curricular - a política educativa e o currículo a nível escolar estabelecem o contexto para a aprendizagem formal da leitura que as crianças recebem desde o início da escolaridade. Essas políticas podem incluir decisões sobre a ênfase na aprendizagem da leitura em relação a outras áreas. Por sua vez, tais decisões, de acordo com Krolak (2005) ajudam a moldar o ambiente dentro da escola e os recursos que são afectos à leitura.

✓ Ambiente escolar e recursos educativos - o ambiente escolar engloba muitos factores que afectam a aprendizagem. Por exemplo, a sensação de segurança que advém de existirem poucos problemas de comportamento e pouco ou nenhum crime promove um ambiente de aprendizagem estável.

Programas asseguram as necessidades básicas dos alunos e suas famílias (como programas de assistência infantil antes ou depois da escola, programas de alimentação gratuita, etc.) também podem ser importantes. Outros programas escolares, que se concentram especificamente no desenvolvimento da leitura e da literacia, podem apoiar directamente a aquisição de competências e a melhoria das atitudes em relação à leitura.

✓ Também o contexto da sala de aula não pode ser ignorado, ao considerar factores que afetam a leitura. Embora as políticas curriculares e os recursos da escola muitas vezes definam o tom para a realização de actividades na sala de aula, são susceptíveis de ter um impacto mais direto no desenvolvimento de leitura do que o ambiente escolar. As abordagens pedagógicas e os materiais utilizados são claramente importantes para a aprendizagem, incluindo as estratégias de ensino e o acesso a livros e outros recursos. O professor, naturalmente, é outro determinante muito influente do ambiente da sala de aula. Isto pode incluir a sua preparação e formação, o uso de abordagens instrucionais particulares e a experiência no ensino de leitura. Finalmente, os comportamentos, atitudes e nível de alfabetização dos colegas podem influenciar as escolhas pedagógicas do professor, afectando assim o desenvolvimento da leitura dos alunos (Kurtz-Costes & Schneider, 1994, citados por Ekundayo, 2005).

Relativamente aos alunos do ensino secundário, o desenvolvimento de bons hábitos de leitura promove a capacidade de compreensão, o desenvolvimento do vocabulário, da pronúncia, da rapidez na interpretação e da aprendizagem ao longo da vida. Ou seja, ler permite não apenas obter sucesso escolar, como atingir os objectivos de cada um, de maneira a que, na sua vida futura, o estudante se possa tornar num cidadão bem sucedido. Daí que seja fundamental que as Escolas e o sistema educativo em geral promovam hábitos de leitura junto dos alunos do ensino secundário, num processo que deverá vir já dos níveis de aprendizagem anteriores.

Tomando conhecimento dos factores inibidores acima mencionados, todos os agentes do sistema educativo deveriam ser envolvidos no desenvolvimento e sustentação dos hábitos de leitura dos alunos do ensino secundário.

## **CAP. 3 - ESTRATÉGIAS PARA A PROMOÇÃO DE HÁBITOS DE LEITURA**

São inúmeros os autores que estudaram estratégias para promover os hábitos de leitura dos alunos do ensino secundário. Previamente à definição dessas estratégias, e tendo em conta os factores debatidos no Capítulo II deste trabalho, saliente-se a importância da existência de bibliotecas escolares.

A Biblioteca Escolar serve como um impulso para promover hábitos de leitura sustentados nas crianças e nos jovens. Busayo (2011) compara-a aos alicerces de um edifício: se, sem alicerces, o edifício não se sustenta, tão pouco com alicerces fracos o mesmo edifício se aguenta; ou seja, sem biblioteca, ou com uma biblioteca com colecções fracas e desactualizadas e sem recursos humanos qualificados não é possível desenvolver hábitos de leitura e sustentar o sucesso educativo das crianças e dos jovens.

A leitura, portanto, é vista como a ferramenta que sustenta a aprendizagem. A promoção da leitura pode ser reforçada através da exposição de livros, a organização de feiras do livro e encontros com autores, a criação de grupos ou clubes de leitura, ou a realização de concursos de leitura, sendo estas actividades melhor sustentadas se existir uma biblioteca escolar e se esta tiver boas colecções, actualizadas sempre que possível.

As estratégias, de acordo com Oji e Habibu (2011), incluem: exposições bibliográficas; clubes de leitura e conversas a partir de livros; horas do conto; actividades criativas ou de escrita criativa; encenações e representações de teatro; e leitura móvel. Para que tudo isto ocorra, é necessário vontade política e financiamento, a criação e desenvolvimento de bibliotecas e a associação da leitura com prazer. Há outras formas de introduzir prazer ou diversão na leitura, como a leitura em grupo, visitas a bibliotecas fora da escola, feiras do livro, entre outras. Fundamental seria a criação de legislação apropriada e a promoção de serviços de biblioteca móvel.

No entanto, é necessário especificar claramente a responsabilidade de cada agente educativo: para desenvolver os hábitos de leitura dos alunos do ensino secundário, devem estar activamente envolvidos todos os agentes

educativos, como pais, professores, professores bibliotecários, conselheiros escolares e os próprios alunos. Apresentamos em seguida os principais factores e agentes que intervêm na criação de hábitos de leitura sustentados:

✓ **Professores:** um estudo de Nathanson, Pruslow e Levitt (2008) com 747 alunos, apresenta resultados interessantes sobre a influência dos professores sobre os alunos. Os resultados deste estudo mostram a existência de uma relação relevante entre a influência dos professores e a criação de bons hábitos de leitura nos seus alunos, ficando patente que os jovens que revelaram maior interesse na leitura destacavam a influência directa dos professores, que conversavam individualmente com eles sobre livros, partilhavam ideias sobre literatura e recomendavam-lhes a leitura de diferentes obras e autores. O mesmo estudo revela que os jovens com mais gosto pela leitura tinham tido experiências positivas com livros e literatura desde a mais tenra infância, e que estas estavam relacionadas com um ambiente propício à leitura, estímulos frequentes e disponibilidade de livros para ler. Os autores concluem que os professores deveriam ser “modelos de leitura”, isto é, serem eles próprios leitores que partilham leituras com os alunos, entusiasmando-os e desafiando-os. Tal atitude resultaria num encorajamento dos alunos no sentido de saberem escolher as suas próprias estratégias de leitura e na sua participação activa na aprendizagem da leitura em ambiente de sala de aula.

✓ **Pais:** um outro agente educativo fundamental para a aquisição de hábitos de leitura são, naturalmente, os pais e encarregados de educação. Os Pais são o primeiro contacto da maior parte das crianças com o mundo, e são a fonte das suas atitudes, valores e hábitos. O papel dos Pais em nutrir os hábitos de leitura dos alunos é fundamental, porque são os pais que têm a melhor oportunidade de nutrir uma cultura de leitura (Pierre, 2012). Os pais são os primeiros professores de qualquer estudante desde a infância; portanto, os alunos devem ter contacto com o ato de ler em idade precoce. Daí que as instituições educativas se devam preocupar com o nível instrucional dos Pais, uma vez que as famílias com menos rendimentos apresentam menor índice de sucesso escolar relativamente às famílias de classe média ou alta (DeBruin-Parecki, & Krol-Sinclair, 2003). Na verdade, os alunos oriundos de famílias da

classe média terão muito provavelmente uma educação mais escolarizada em casa, antes mesmo de frequentarem a escola formal (Compton-Lilly, 2003). Resulta claro destes estudos que as crianças devem ser introduzidas à leitura muito cedo na vida, mesmo antes de entrarem na escola, pois só assim poderão interiorizar e absorver a leitura como um meio de auto-desenvolvimento e prazer. A este respeito, mães e pais devem desempenhar este importante papel de introduzir hábitos de leitura aos seus filhos na idade pré-escolar, lendo-lhes em voz alta desde bebês, agindo eles próprios, tal como os professores, como “modelos de leitura”. Os hábitos de leitura terão tendência a ser mais fortes se os pais os inculcarem nas crianças desde cedo, discutindo e partilhando histórias, as suas personagens, os locais da acção e toda a envolvente literária que estimula a imaginação das crianças e, daí, o prazer de ler.

Os pais desempenham um papel crucial no desenvolvimento dos hábitos de leitura dos alunos do ensino secundário: devem ler para os seus filhos, procurar livros ilustrados e materiais atraentes de leitura, para garantir que as crianças absorvam bons hábitos de leitura desde cedo e que estes sejam estimulados até a idade adulta, tal como diz Pennac (2010). É evidente que, quando um hábito é formado, é sempre difícil romper com ele; assim, com bons hábitos de leitura, os estudantes do ensino secundário considerariam o ensino superior fácil, interessante e reconheceriam nele uma forma de obter sucesso na sua carreira académica. Todos os autores concordam que os pais são um dos principais fatores no desenvolvimento dos hábitos de leitura dos alunos do ensino secundário. O modelo dos pais para os seus filhos deve ser activo e ávido, para que os alunos possam ser inspirados a absorver o hábito e também se tornarem leitores vorazes. Além disso, deve haver horas regulares de leitura para as crianças e jovens, sem interrupção para realizarem tarefas domésticas, muito comuns nos lares africanos, em que todos participam naquelas tarefas, os irmãos mais velhos cuidando dos mais novos, cozinhando e alimentando-os na ausência das mães, etc..

✓ **Meio ambiente:** a proximidade dos livros é um factor determinante para o comportamento leitor (Nielen & Bus, 2015). Um ambiente de leitura

estimulante na Escola requer a existência de uma biblioteca escolar e a preocupação em constituir colecções de qualidade e apresentadas de forma atractiva, e que vão de encontro às necessidades do público com que se pretende trabalhar. O ambiente de leitura também exige tempo e espaço para ler (Chambers, 1991). Tal implica a programação de actividades como a leitura silenciosa, a leitura em voz alta, conversas sobre livros, educação literária, etc., mas também a existência de espaços apropriados à leitura dentro da escola, e não só na biblioteca. A existência de bibliotecas escolares é fundamental para promover as literacias e a consciência da importância da leitura, não só junto dos alunos, mas também agindo sobre os seus pais, avós, encarregados de educação e familiares - sabendo a importância que a família tem na sociedade angolana, não haverá promoção sustentada da leitura sem o envolvimento das famílias. O ideal seria que o ambiente familiar reflectisse uma cultura de leitura - sendo impossível, essa cultura de leitura deveria caracterizar o ambiente das escolas.

Apresentam-se em seguida, de forma mais detalhada, algumas das estratégias de promoção da leitura mais consensuais, de acordo com a proposta de Oji e Habibu (2011):

1. **Exposições bibliográficas e debates sobre livros:** esta é uma estratégia eficaz e de baixo custo, organizada para que as crianças e adolescentes possam falar sobre os livros interessantes que leram. Eles poderiam participar na selecção dos livros a exhibir, descrever personagens e expor as semelhanças e diferenças que encontram em relação a si próprios e a pessoas suas conhecidas. O professor ou o bibliotecário poderão lê-los em voz alta, por sua vez, e estimular a leitura individual e silenciosa, paralelamente.

2. **Hora do conto:** esta atividade pode ser organizada a partir da biblioteca ou, na ausência dela, pelos próprios professores, e não só os da língua materna, de maneira a demonstrar que a leitura é essencial a todas as matérias e que, para além da literatura, a ciência também ganha com a leitura. Podem ser convidados os pais e encarregados de educação, organizando horas do conto para a noite dos dias de semana, ou aos

Sábados. Contar histórias é uma atividade universal tão antiga quanto o próprio tempo e não é novidade para algumas crianças que já têm a oportunidade de ouvir em casa. Nos lares e comunidades africanas, esta prática é tradicionalmente oral, mas a introdução do livro e a fixação das histórias orais em versões escritas podem contribuir para o desenvolvimento de hábitos de leitura. Esta atividade é também importante para o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças, nomeadamente por ser partilhada com os colegas e amigos, ou com os pais. Os contos populares tradicionais e as lendas de diferentes partes do país podem ser usados para apelar ao sentido de aventura e à imaginação, estimulando assim o amor dos jovens pela leitura de autores africanos.

3. **Actividades criativas ou escrita criativa:** esta é uma actividade que envolve a criatividade da criança. As crianças são incentivadas a criar bonecos e fantoches, seja com papel e pedaços de tecido, seja com argila, uma matéria existente em quase todas as regiões de Angola. Os fantoches podem ser usados para acrescentar emoção e dar vida às histórias. Baker (2007), defende que a conexão entre a leitura e a escrita ajuda os alunos a aprender melhor em todos os níveis: na sua opinião, a escrita vem naturalmente, uma vez que é precedida pela leitura, sendo lógico concluir que um bom hábito de leitura é um precursor para a boa escrita. Após uma sessão de leitura em voz alta, ou uma sessão de contar histórias, o aluno poderia ser convidado a escrever um conto ou um final diferente para a história que foi lida ou ouvida. Isso proporcionaria um estímulo maravilhoso para a imaginação e, em consequência, para novas leituras, e também para a escrita.

4. **Clubes ou grupos de leitura:** o bibliotecário ou o professor poderiam dinamizar a formação de clubes de ou grupos de leitura na escola, ou em cada turma. Os clubes poderiam ser centrados em passatempos das crianças, refletindo os seus próprios interesses. O papel da biblioteca aqui, seria fornecer todos os materiais de referência e informação para o hobby escolhido, incluindo livros literários. Os membros do clube, então, construiriam sobre as informações com a ajuda do bibliotecário ou do

professor. Ao mesmo tempo, leriam capítulos de livros escolhidos a cada semana ou quinze dias, discutindo-os em grupo e relacionando-os com o passatempo preferido do grupo.

5. Teatro: a encenação da leitura e a dramatização de textos podem ser efectuados de forma leve, mas levam a um forte envolvimento das crianças e dos jovens. Durante a hora do conto, os jovens alunos podem começar por recriar certas partes da história. Através do teatro é possível também envolver as famílias, estimulando as crianças a ensaiarem em casa com os seus pais e irmãos. As representações teatrais no final do ano ou em ocasiões especiais organizadas pela escola produzem um forte sentimento de orgulho nos protagonistas e suas famílias, revelam talentos escondidos, promovem a auto-estima e a criatividade e, por tudo isto, contribuem fortemente para a criação e o desenvolvimento de hábitos de leitura.

Na sequência da revisão da literatura sobre a importância da leitura e dos hábitos de leitura e sua promoção, apresenta-se, na Parte II deste trabalho, o estudo empírico, que incidu sobre os alunos do 1.º ciclo do ensino secundário de uma escola privada da cidade do Huambo, em Angola.

## **2ª PARTE - ESTUDO EMPÍRICO**

## CAP. 4 - MATERIAL E MÉTODOS

### Natureza do estudo

No presente trabalho apresenta-se um pequeno estudo de caso a partir da seguinte pergunta de partida: quais são os hábitos de leitura dos alunos do 1.º ciclo do ensino secundário da Escola Baptista - Huambo?

No contexto da questão apresentada, o principal objectivo que pretendemos atingir é conhecer os hábitos de leitura dos alunos do 1.º ciclo do ensino secundário da Escola Baptista - Huambo, de maneira a poder definir um conjunto de estratégias que permitam promover a leitura junto da população juvenil do 1.º ciclo do ensino secundário.

A partir deste objectivo geral, consideram-se também os seguintes objectivos específicos.

- Fundamentar teoricamente as estratégias que permitem o desenvolvimento da leitura na população juvenil do 1º ciclo do ensino secundário da escola Baptista-Huambo.
- Diagnosticar os elementos essenciais a ter em conta para a promoção da leitura na população juvenil do 1º ciclo do ensino secundário da Escola Baptista-Huambo.

Para dar resposta ao problema de investigação, ao objectivo geral e aos objectivos específicos, foi definida uma metodologia, escolhida a amostra e seleccionado um método de abordagem e instrumentos de recolha e análise de dados. No contexto de uma abordagem quantitativa, que permite a apresentação de um retrato da realidade, sem necessidade de aprofundamento, escolheu-se o estudo de caso, contextualizado na Escola Baptista-Huambo, local de trabalho da autora desta dissertação. Como instrumento de recolha de dados optou-se pela elaboração de um inquérito por questionário e, como método de análise, pela estatística descritiva, utilizando o programa *Numbers* para o tratamento dos dados e a representação dos resultados.

A posição investigativa do presente estudo é pois positivista, isto é, parte do princípio de que é possível conhecer a realidade objectivamente (Lakatos & Marconi, 1991). Isto não significa que não se reconheça que há outros aspectos a influenciar o conhecimento da realidade social, mas apenas que, para os propósitos da investigação, se julgou suficiente, numa primeira fase, conhecer atitudes, valores e práticas dos estudantes através de instrumentos que permitem a quantificação e a definição de grupos e categorias relativamente homogéneos (Lakatos & Marconi, 1991). Por outro lado, tal posicionamento permite à autora uma maior distância e objectividade na sua análise dos factos.

A escolha do inquérito por questionário como instrumento de recolha de dados deve-se vários factores: por um lado, é o instrumento por excelência na recolha de dados quantitativos que reflectam valores, opiniões e práticas do objecto de estudo (Lakatos & Marconi, 1991); por outro lado, é replicável, isto é, pode ser aplicado noutros locais, num período de tempo posterior ou com outras amostras da população, permitindo assim, quer o estudo da evolução das posições dos inquiridos ao longo do tempo, quer a elaboração de estudos comparativos, que permitam generalizar ou contrastar os resultados obtidos (Lakatos & Marconi, 1991); finalmente, o inquérito por questionário, comparado com outros métodos, é económico, quer em termos financeiros, quer de tempo, quer de simplicidade no tratamento dos dados, aspectos importantes numa investigação da natureza de um trabalho de mestrado (Bell, 1997).

## **Estrutura do inquérito por questionário**

Os inquéritos sobre hábitos de leitura correm o risco de sofrer enviesamentos nas respostas, devido à imagem pré-concebida da leitura para os inquiridos e à necessidade por vezes sentida de corresponder a essa imagem, no que quadram com um dos problemas que vem sendo apontado pelos metodólogos a este tipo de instrumentos de recolha de dados (Bell, 1997). Procurou-se, por isso, construir um questionário sem muitas perguntas, com enunciados simples e questões que procuravam confirmar respostas anteriores.

O questionário, constituído por 20 perguntas, está dividido em três partes, pretendendo a primeira, com seis perguntas, caracterizar brevemente os inquiridos quanto ao sexo, idade e enquadramento social (habilitações literárias e profissões dos pais e das mães), a segunda, com nove perguntas, identificar os hábitos de leitura dos alunos e a terceira as atitudes perante a leitura (cinco perguntas). A maior parte das perguntas são fechadas e de resposta única, havendo sete questões de escolha múltipla, e duas perguntas abertas para que permitissem uma identificação das profissões dos Pais de acordo com as designações comuns (opção preferida à divisão por categorias genéricas). As variáveis seleccionadas para a segunda parte, constituída por 14 perguntas, incidem nos tipos e suportes de leitura, na atitude e auto-avaliação dos alunos sobre a leitura, bem como no processo de sociabilização em relação com a leitura, em casa e na escola.

O questionário foi previamente testado numa pequena amostra aleatória e reformulado, de forma a obviar aos problemas detectados na fase de teste. A aplicação do questionário foi presencial e os respondentes informados sobre as suas características e objectivos, no inteiro respeito pela ética da investigação e pelos direitos de anonimato e privacidade, tendo sido autorizados a responder pelos encarregados de educação.

## **Características da amostra**

O estudo foi aplicado a uma amostra reduzida e não probabilística do universo escolar (=1992 alunos), constituída por 50 alunos de uma turma leccionada pela autora. A razão desta escolha prende-se com a possibilidade de agir sobre a realidade a partir dos resultados obtidos com a investigação, ou seja: ao fazer incidir o estudo sobre os seus próprios alunos, a autora obtém informação relevante para o posterior desenvolvimento de estratégias de promoção da leitura. Note-se que o universo não retrata a maioria da população angolana, uma vez que a Escola, como se verá no próximo capítulo, é frequentada por uma população oriunda da classe média, com hábitos e práticas de leitura acima da média do que seria um retrato nacional. Não obstante,

permite observar um microcosmos e desenhar algumas estratégias de promoção da leitura a partir dos resultados obtidos, aplicáveis à amostra estudada.

No próximo capítulo apresenta-se o contexto onde o estudo foi desenvolvido.

## **CAP. 5 - CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA DO I CICLO DO ENSINO SECUNDÁRIO BAPTISTA - HUAMBO**

### **Regime e administração da Escola**

A escola Baptista - Huambo é privada, um património da Igreja pertencente a uma religião da denominação Baptista. Não obstante, os professores que trabalham na mesma instituição são do Estado e pertencem ao quadro de uma escola pública (Escola do Comandante Bula): significa dizer que é uma extensão da Escola Comandante Bula.

Actualmente tem um plano quinzenal da ZIP (Zona de Informação Pedagógica), onde todas as coordenações escolares se concentram na escola extensão para poderem discutir os assuntos que estão abordando em cada escola. É de extrema importância esta organização, criada para que todas as dúvidas sejam expostas no colectivo de todos os professores, e lá são debatidos e bem esclarecidos prontamente para trabalharem e bem servir os alunos.

Os dirigentes máximos da Escola são pastores da Igreja Baptista: o Director Principal é Diácono da própria Igreja e o Subdirector Pedagógico é pastor, tal como o Sudirector Administrativo do estabelecimento educativo.

A Escola tem uma boa organização: apesar de ser privada e pertença de uma Igreja, segue todas as normas que as outras escolas ou estabelecimentos educativos do Estado seguem.

É uma escola que está ajudar os habitantes da Rua do Comércio, Benfica, Brigada, Frederico, Central da Energia do Benfica, Cardoso, Calilongue, e São Pedro, na cidade do Huambo.

## **Localização da escola**

A escola Baptista situa-se no Noroeste do Bairro São Brás, tendo a Sul o Mercado da Cidade Baixa e, a Este, o Bloco do Hotel Roma - uma zona relativamente central da cidade do Huambo.

## **Edifício, organização das actividades lectivas e recursos humanos**

A escola possui um edifício próprio, organizado em 12 salas de aulas, três gabinetes, sendo um do Director, outro do Subdirector Administrativo e outro do Subdirector Pedagógico, uma Secretaria e uma sala dos professores. Possui quatro casas de banho.

O ritmo escolar diário dos últimos anos lectivos inclui três turnos (matinal, vespertino e noturno), que compreendem as 7<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup>, e 9<sup>a</sup> classes. No total, são 1.922 alunos, com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos na sua maioria, havendo ainda 151 alunos com 19 anos ou mais; 52% dos alunos são do sexo masculino.

Ao nível dos recursos humanos, a Escola integra 26 professores licenciados, 12 professores com o grau de Ensino Médio e três com a graduação pedagógica de 10<sup>a</sup> classe. Para além disso, quatro professoras estão inscritas num curso de Mestrado em Ciências da Educação.

O pessoal não docente é constituído por seis trabalhadoras de limpeza, e seis seguranças. Estes constituem um quadro importante dentro do estabelecimento educativo, pois são eles que tomam a responsabilidade da higiene das salas de aula e controlam o património escolar.

A Escola não tem biblioteca escolar e tem poucos recursos de informação, estes constituídos principalmente por manuais escolares. As actividades de promoção da leitura ficam por isso muito dependentes da atitude e vontade dos professores, bem como do uso de recursos próprios. Na cidade do Huambo há

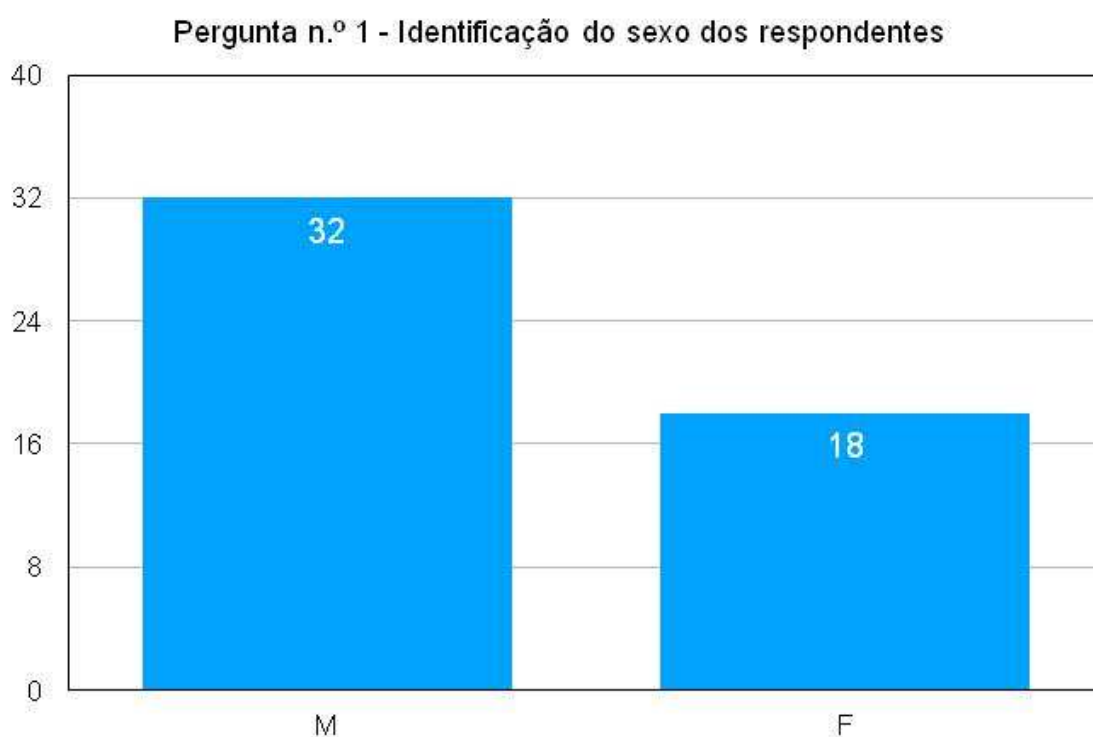
a registar a existência de uma biblioteca municipal com uma boa secção infanto-juvenil e de uma Mediateca inaugurada há poucos anos, com instalações e equipamento modernos e boas colecções de base, e muito vocacionada para o apoio aos estudantes, nomeadamente do ensino superior. No entanto, tratando-se de uma cidade muito grande, onde não existem transportes públicos eficientes (o transporte público é assegurado por pequenas carrinhas privadas, conhecidas por *Machimbombos*), é muito difícil conseguir levar os alunos a visitar estas bibliotecas.

Expostas as bases metodológicas do presente trabalho, bem como o contexto onde se desenrola, no próximo capítulo serão apresentados e discutidos os resultados do questionário descrito no capítulo IV.

## CAP. 6 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### A. Caracterização dos respondentes

Para caracterizar os respondentes, começou-se por inquirir o sexo.



*Gráfico 1 - Sexo*

Os respondentes são na sua maioria (64%) do sexo masculino, correspondendo proporcionalmente à maioria de alunos do século masculino que frequentam a escola.

Procurou-se em seguida caracterizar os respondentes por idade:

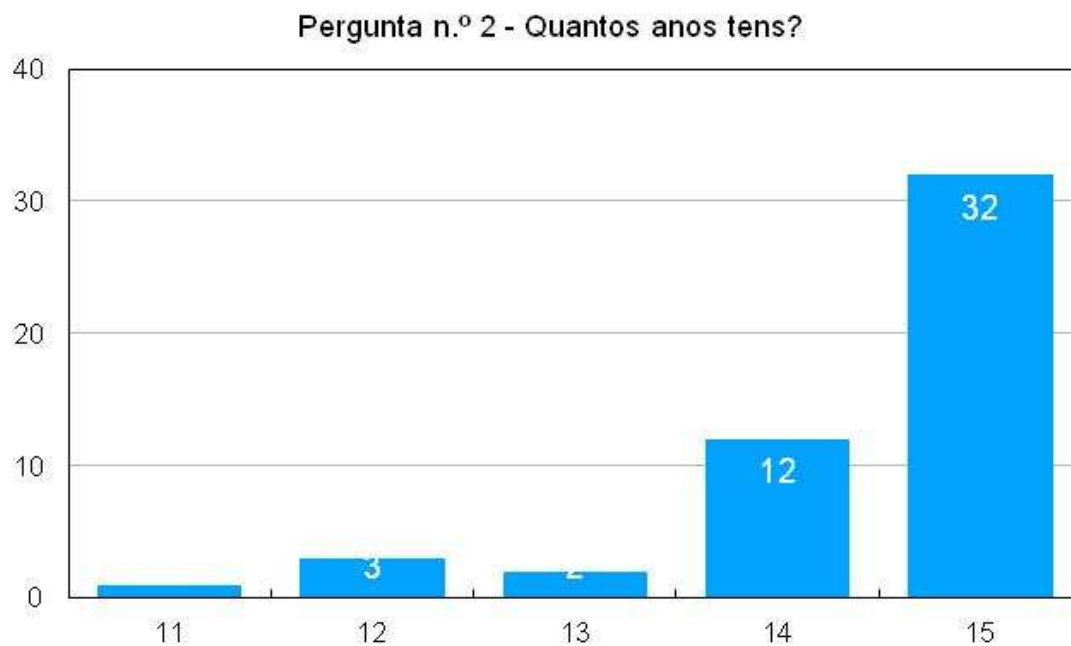
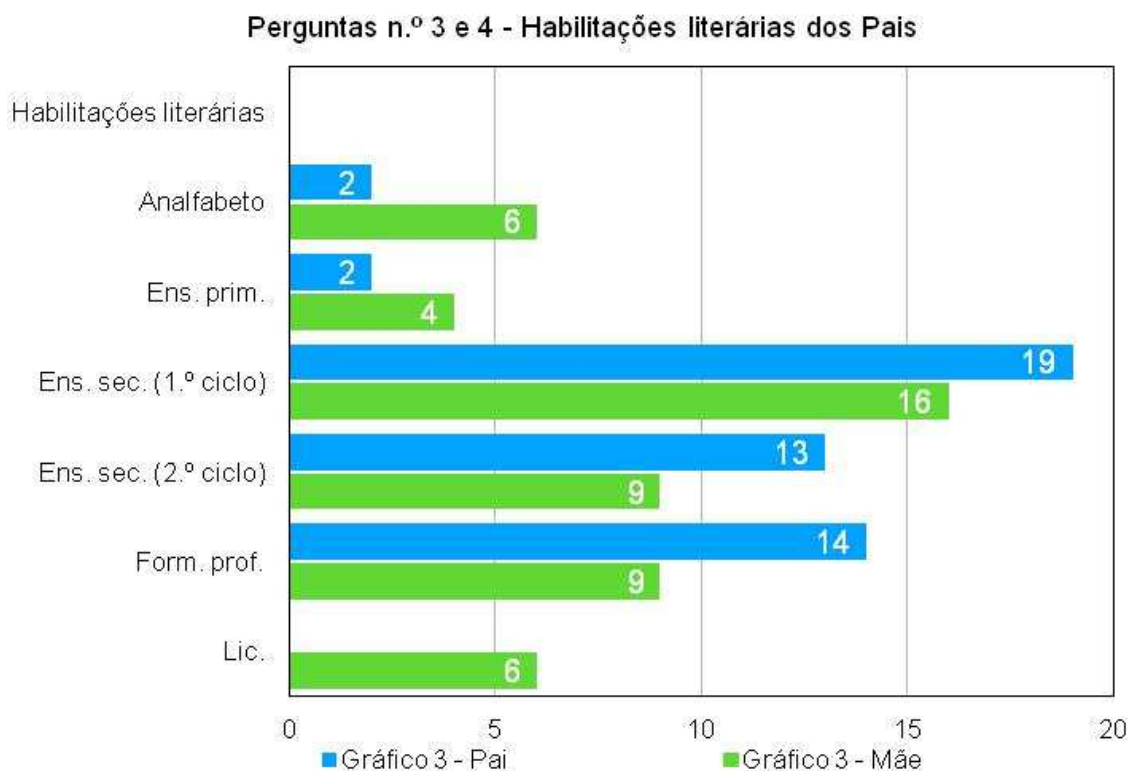


Gráfico 2 – Idade

64% dos respondentes têm 15 anos ou mais, correspondendo à maioria da população da escola. É residual o número de respondentes com entre 11 e 13 anos (6 no total).

Procurando conhecer o contexto familiar dos alunos, inquiriu-se sobre as habilitações literárias dos Pais. O Gráfico 3 apresenta os resultados.



*Gráfico 3 - Habilitações literárias dos pais e mães*

Quer a maioria (38%) dos pais, quer das mães (32%) possuem como habilitação literária o 1.º ciclo do ensino secundário seguindo-se, em idênticas proporções, o 2.º ciclo do ensino secundário e o ensino profissional. Há mais mães analfabetas ou apenas com o ensino primário do que pais mas, ainda assim, a proporção é reduzida relativamente aos restantes níveis de ensino. De relevar, em contraste, o facto de nenhum dos pais dos respondentes ser licenciado, enquanto que há seis mães com licenciatura.

No quadro seguinte (Tabela 1), que correspondem às perguntas n.º 5 e 6, apresentam-se as profissões dos Pais, tal como livremente escritos pelos respondentes aquando do preenchimento do questionário, uma vez que não foi apresentada nenhuma lista prévia de profissões ou categorias profissionais.

Tabela 1 - Profissão dos Pais e Mães

Profissão dos Pais	N.º	Profissão das Mães	N.º
Enfermeiro	10	Professora	10
Forças Armadas	9	Doméstica	10
Polícia	7	Comerciante	9
Professor	6	Agricultora	6
Camponês	5	Camponesa	3
Comerciante	4	Enfermeira	3
Pedreiro	3	Decoradora	2
Jornalista	2	Psicóloga	1
Político (deputado)	2	Lavadeira	1
Motorista	1	Empreendedora	1
Psicólogo	1	Trabalhadora de limpeza	1
Doméstico	1	Conservadora dos registos	1
		Contabilista	1
		Modista	1

No que diz respeito aos pais, a profissão dominante é a de enfermeiro, seguindo-se as forças armadas e a polícia (9+7), o que faz com que, na verdade, as principais profissões estejam relacionadas com as forças de segurança. Há ainda um bom número de pais que são professores (6) e camponeses. Registe-se a existência de dois políticos e um doméstico, profissão algo inusitada no quadro angolano, para um cidadão do sexo masculino. Agrupando estas profissões em categorias, verifica-se que domina o sector terciário, sendo pouco significativos os sectores primário e secundário, e também o Estado como principal empregador. No caso das mães, as profissões dominantes são as de professora e doméstica (10 cada uma), seguidas das de comerciante; o trabalho na terra aparece identificado com duas designações, eventualmente designando uma (agricultora, com seis respostas) a posse da terra e a outra (camponesa, três respostas) o trabalho assalariado. Aparecem em seguida várias outras profissões, como enfermeira, decoradora ou psicóloga, com frequência de dois

ou um. Comparando com os pais, verifica-se que há mais diversidade de profissões entre as mulheres, e que os trabalhos domésticos ou ligados à casa têm maior peso, sendo mais dominantes as profissões ligadas ao Estado, com excepção das professoras, das enfermeiras e de uma trabalhadora dos registos civis ou notariais.

Quer as habilitações literárias, quer as profissões dos pais e mães dos respondentes revelam uma escola frequentada predominantemente por alunos da classe média, com alguns, em número diminuto, da classe média baixa ou da classe baixa, que serão eventualmente apoiados com bolsas da escola.

## B. Hábitos de leitura

O segundo grupo de perguntas destinava-se a conhecer os hábitos e práticas de leitura dos respondentes. Começou-se por inquirir sobre o gosto individual pela leitura, utilizando uma escala de Likert de quatro pontos.



*Gráfico 4 - Gosto individual pela leitura*

Verifica-se que a maior parte dos respondentes gosta muito (38%) ou bastante (30%) de ler, enquanto 32% afirma gostar pouco, ainda assim uma

percentagem significativa. Nenhum aluno assinalou a opção “não gosto de ler”. Estes resultados revelam a existência de uma imagem positiva da leitura junto dos jovens respondentes.

Na pergunta seguinte buscava-se perceber como se auto-avaliam os alunos relativamente às suas competências de leitura. Utilizou-se, neste caso, uma escala de Likert de cinco pontos.

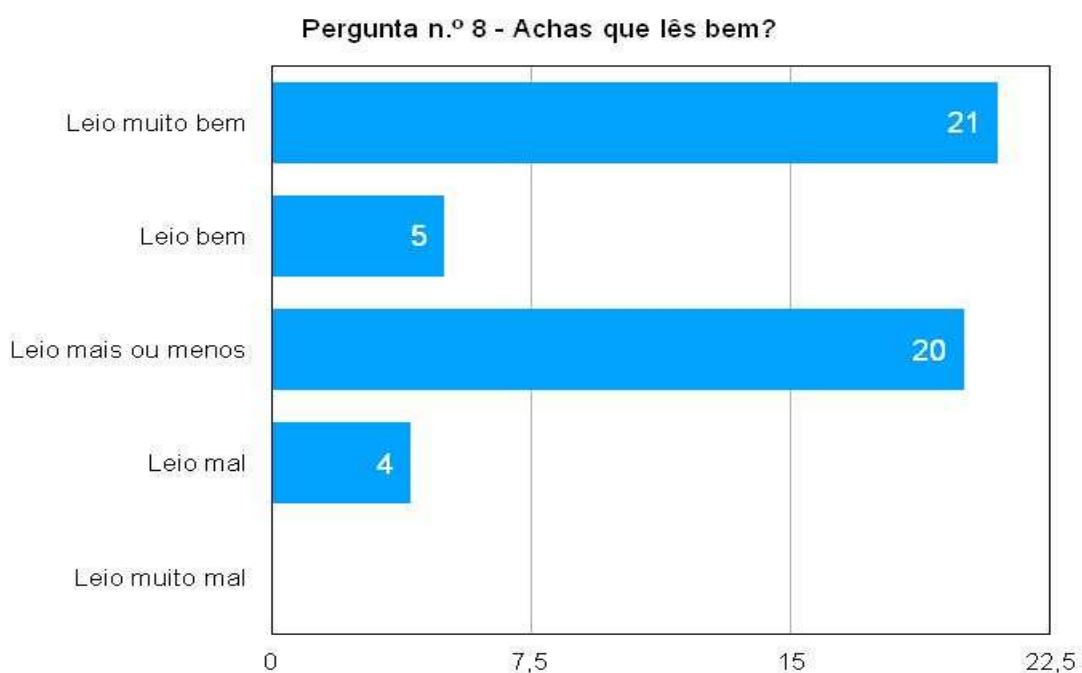


Gráfico 5 - Auto-avaliação das competências de leitura

Os resultados apurados nas respostas à pergunta “Achas que lês bem?” mostram que 42% dos alunos consideram que lêem muito bem, enquanto 40% (na verdade, apenas menos um respondente em termos absolutos) auto-avaliam-se como lendo mais ou menos. Em contrapartida, apenas 10% consideram ler bem, e 8% mal. Nenhum aluno se vê como lendo muito mal, uma vez mais escapando o grau negativo mais baixo da escala às opções de resposta escolhidas pelos alunos. Comparando com as respostas à pergunta anterior, verifica-se que há alunos que gostam muito ou bastante de ler que, olhando para si próprios, constataam que ainda encontram dificuldades na leitura, o que revela honestidade nas respostas. Conclui-se assim que, à manifestação de um gosto

pela leitura, nem sempre correspondem as competências necessárias à sua plena fruição, e que essa situação é reconhecida pelos respondentes.

Na pergunta seguinte pretendeu-se apurar a frequência da leitura.

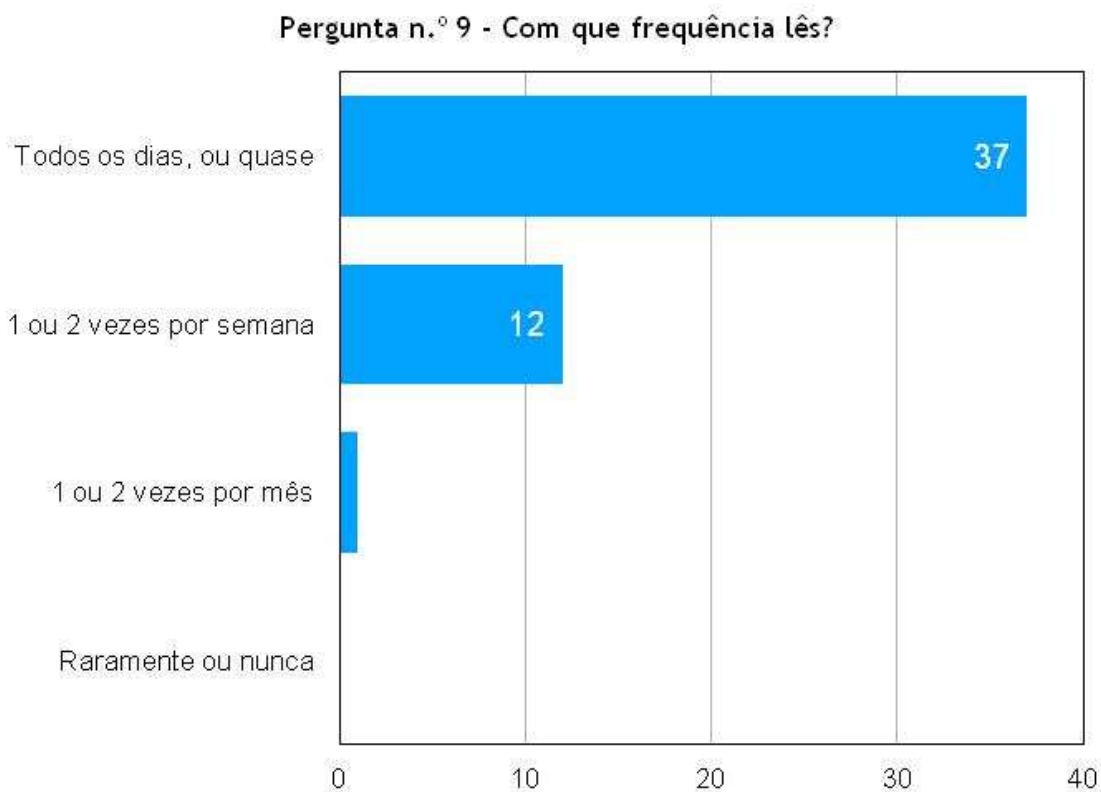


Gráfico 6: Frequência da leitura

A maior parte dos respondentes (74%) ( $n=37$ ) afirma ler diariamente, ou quase, mesmo que não goste muito de ler, e 24% ( $n=12$ ) lê pelo menos uma ou duas vezes por semana. Note-se que a frequência indicada pode estar relacionada com a leitura de livros ou manuais escolares, não tendo sido apurado o género das obras lidas com a periodicidade apontada.

Apurada a frequência da leitura, procurou-se perceber se os respondentes achavam que liam o suficiente. Os resultados são expostos no gráfico 7.

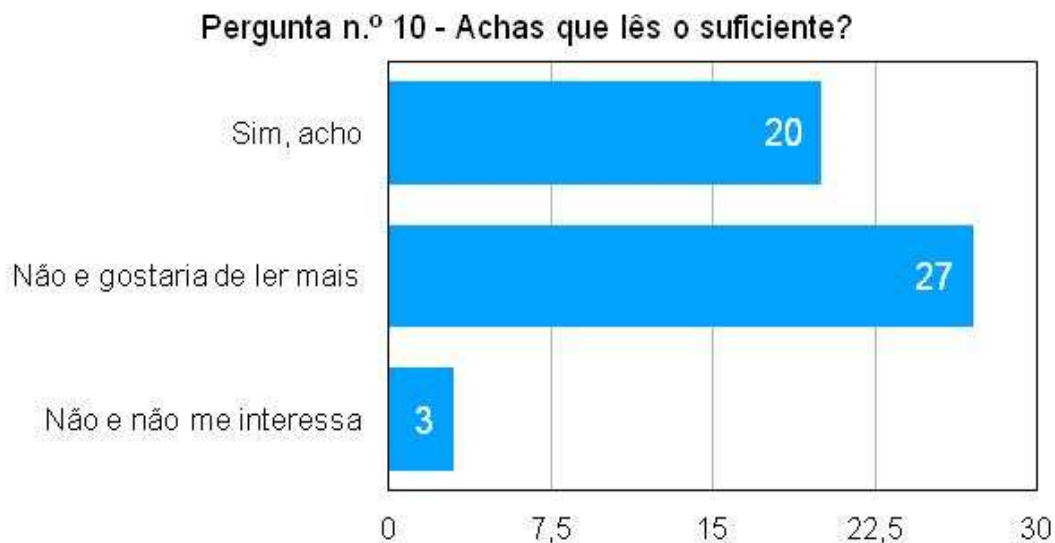


Gráfico 7: Auto-avaliação da necessidade de leitura

As respostas à pergunta número 8 demonstram que os alunos, mesmo parte dos que, à pergunta anterior, haviam respondido ler todos os dias ou quase, acham que, ainda assim, não lêem o suficiente, e gostariam de ler mais - foram 54% os que escolheram esta opção, contra 40% que consideram ler o suficiente e uma percentagem residual de 6% (n=3) que pensam não ler o suficiente e não estão interessados em ler mais. Na verdade, a falta de livros e de uma biblioteca escolar poderá justificar a necessidade sentida pelos inquiridos de ler mais, pois a variedade a que têm acesso é muito limitada.

Para aferir do contacto com livros existente em ambiente familiar, quisemos saber quantos livros existiam na casa de cada respondente.

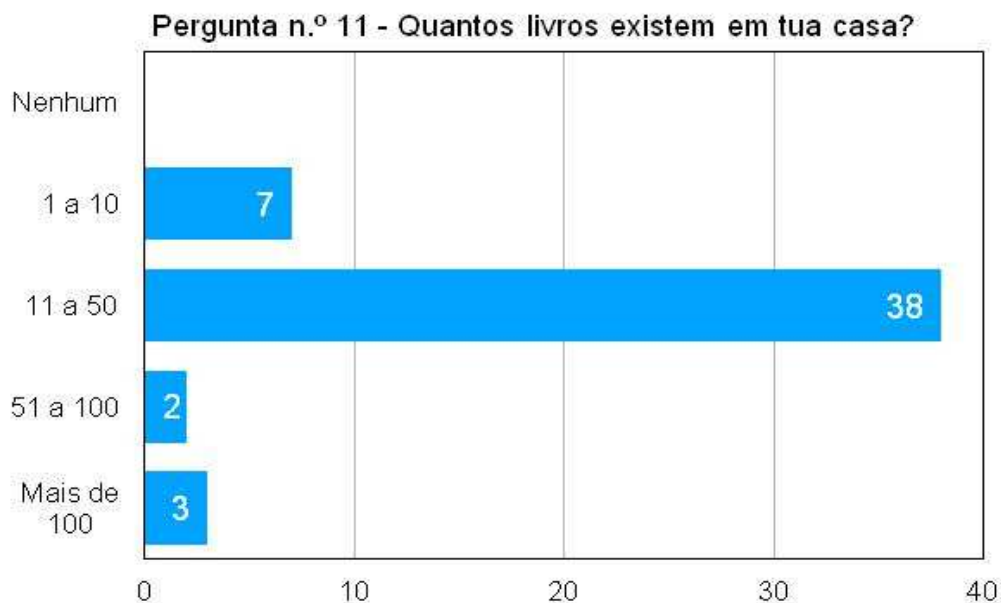


Gráfico 8: Número de livros existentes em casa

A maior parte dos alunos (76%) revelou ter uma pequena biblioteca em casa, com entre 11 e 50 livros. Apenas 6% (n=3) possuem mais de 100 livros, e 14% (n=7) entre 1 e 10. A opção “nenhum” teve zero respostas. Verifica-se que, no ambiente familiar, embora existam livros, estes são em número reduzido, o que também pode justificar a necessidade de mais leituras revelada na pergunta anterior.

Como vimos na revisão da literatura, quanto maior for o grau de escolarização em casa, a partir da infância, maiores são as probabilidades de se criarem e desenvolverem hábitos de leitura. Na sequência da pergunta anterior, indagou-se sobre os agentes que intervieram na aprendizagem da leitura, conforme se pode ver no Gráfico 9.



*Gráfico 9: Agentes que intervieram na aprendizagem da leitura*

As respostas à pergunta “Quem te ensinou a ler?” revelam que, na sua maioria (56%), os respondentes aprenderam a ler com a professora, ou seja, na escola. Não obstante, uma percentagem significativa aprendeu a ler em casa, com a mãe (26%) ou com irmãos (12%). Não há, aparentemente, qualquer interferência dos pais na escolarização das crianças, nem de outros agentes, como amigos ou a Igreja - atendendo-se à importância que, em África, as Igrejas, evangélicas ou católicas, tiveram tradicionalmente na alfabetização, inclui-se esta variável no questionário; provavelmente, como muitas Igrejas criaram as suas próprias escolas, oficialmente reconhecidas, como é o caso do contexto do presente estudo, o ensino informal a partir de instituições religiosas deixou, em muitos casos, de ser praticado.

Tornava-se importante, na sequência da inquirição sobre o ambiente doméstico e a socialização da leitura, saber se os respondentes falavam sobre livros com outras pessoas, na família, entre amigos ou na escola. O gráfico 10 ilustra esta questão.



*Gráfico 10 – Socialização da leitura*

A maior parte dos alunos conversam sobre livros e leitura, sendo seus interlocutores preferenciais as mães e os irmãos, na mesma percentagem (25,5%). Outros interlocutores são os professores (19,1%), a Igreja (12,7%) e, em menor percentagem, os amigos (8,5) ou os pais (6,3%). Apenas um respondente assinalou a opção “com ninguém”. Se a aprendizagem da leitura é feita preferencialmente na escola, já as conversas sobre livros se dão em ambiente familiar, a que se juntam outros interlocutores, como a Igreja ou os amigos. Apercebe-se nestas respostas uma relação entre a variedade de interesses despertados pela leitura e a variedade de interlocutores possíveis para ela. A intervenção da família é motivadora para o desenvolvimento de hábitos de leitura. Verifica-se também que, mesmo havendo poucos livros em casa e na escola, estes são motivo de conversa em ambiente familiar e também noutros espaços.

Os suportes electrónicos da leitura começam a concorrer com o livro impresso. Nesse sentido, e sabendo que, nalguns lares, existem já dispositivos

electrónicos, quisemos saber em que tipo de suporte preferiam ler. Introduzimos um suporte puramente audiovisual (a televisão), de maneira a tornar mais abrangente e verdadeiro o leque de opções possíveis. O gráfico 11 representa as respostas a esta pergunta.

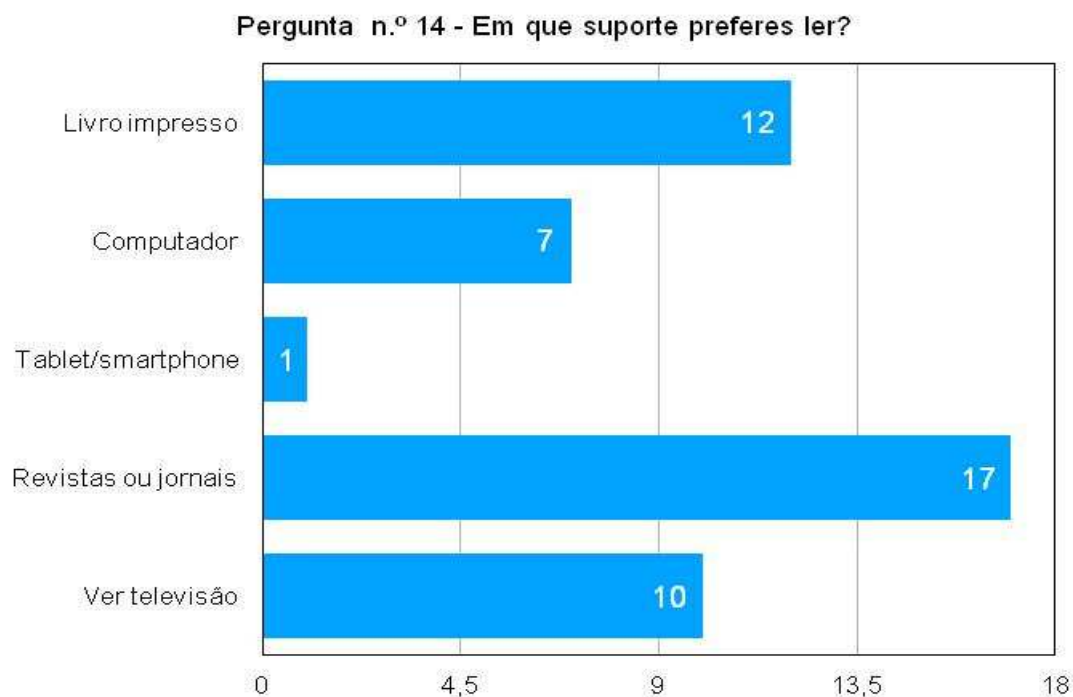


Gráfico 11 - Suporte de leitura preferido

Mais do que livros ou mesmo dispositivos electrónicos, os alunos (36%) preferem ler jornais e revistas, provavelmente por serem leituras mais associadas ao entretenimento, e também porque há poucos livros acessíveis, quer em casa, quer na escola. Daí que só então se sigam os livros, suporte preferencial para 12 dos inquiridos (25,5%). Tal como se imaginou ao elaborar esta questão, uma percentagem significativa (21,2%) prefere ver televisão a ler. Em número menor (sete, correspondendo a 14,8%) estão os alunos que gostam de ler no computador, e apenas um prefere o tablet ou o smartphone.

A pergunta n.º 15, de escolha múltipla, pretende compreender se as preferências de leitura, relativamente aos suportes, se relacionavam com o tipo

de dispositivos de acesso à informação e ao entretenimento existentes em casa dos alunos. Os resultados são apresentados no gráfico 12.

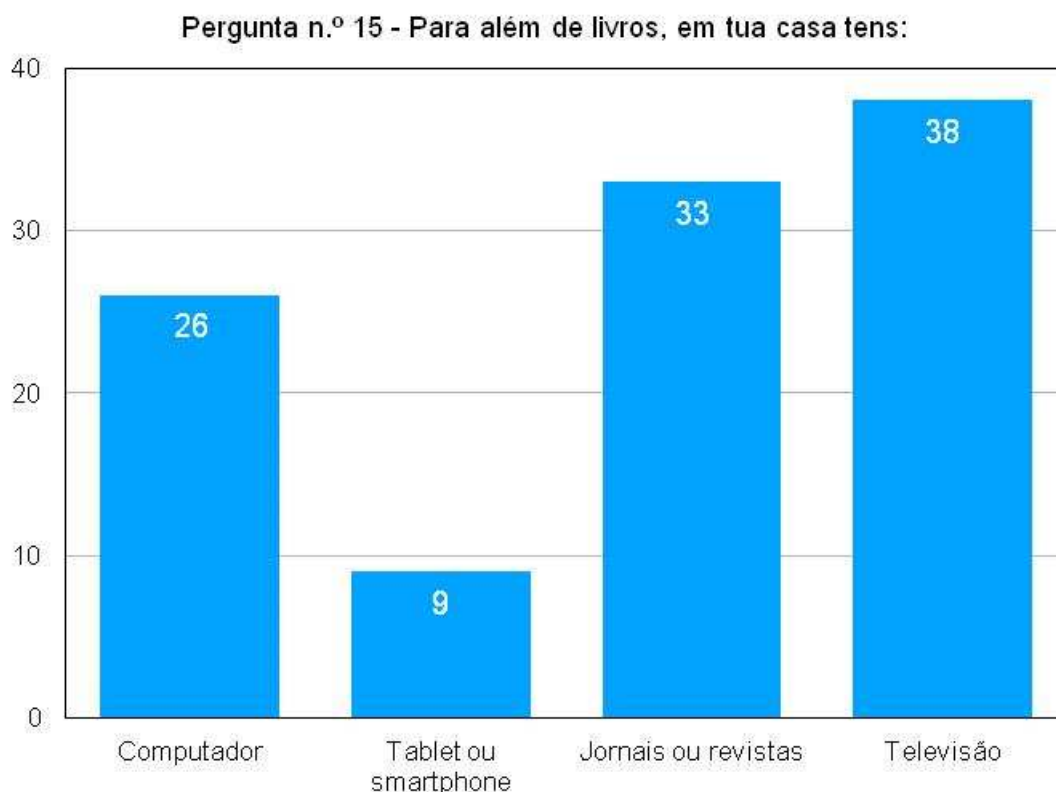


Gráfico 12: Recursos de informação e entretenimento existentes em casa

Já tinha sido apurado, na pergunta n.º 9, que todos os alunos tinham livros em casa. Relativamente a outros recursos de acesso à informação e entretenimento, 76% declararam ter televisão, 52% computador e 18% tablet ou smartphone. Em 66% dos lares dos inquiridos existem também jornais ou revistas. Em primeiro lugar, verifica-se que 24% de alunos vivem em lares sem televisão, correspondendo certamente aos alunos mais carenciados da amostra. Constata-se que, de qualquer modo, a televisão é o aparelho de acesso à informação e ao entretenimento mais comum, seguida muito de perto pelo computador. Nas casas dos inquiridos há ainda poucos dispositivos móveis, situação ainda comum na realidade angolana. Conclui-se da comparação entre as respostas às perguntas números 14 e 15 que os alunos associam a leitura aos suportes impressos, e que os dispositivos digitais são usados para outras

funções. A televisão, quase omnipresente, não substitui a leitura para a maior parte dos respondentes.

## C. Atitudes Perante a Leitura

Tendo estabelecido quais os principais hábitos de leitura dos respondentes, procurou-se conhecer a sua opinião sobre a leitura, numa pergunta de escolha múltipla, cujos resultados são apresentados no Gráfico 13.



Gráfico 13: Opinião sobre a leitura

A esta pergunta responderam apenas 47 inquiridos. Todos eles consideram que ler é importante. Para um número significativo (46,8%, n=22) ler é também divertido, ou para passar bem os tempos livres (38,2%, n=18). O conceito utilitário da leitura está patente nas 10 respostas que consideram que ler é só para estudar, correspondendo embora a uma percentagem menor de inquiridos (21,2%). Um pequeno número, apenas quatro alunos considera que ler é difícil, correspondendo aos quatro inquiridos que, em resposta à pergunta n.º 6 consideraram ter dificuldades na leitura. No total, aparecem apenas três opiniões negativas (considerando que a opção “ler é coisa de raparigas” tem uma

conotação negativa), talvez as mesmas três que, em resposta à pergunta n.º 8 responderam achar que não liam o suficiente, mas que não se sentiam motivados para ler mais. Torna-se claro por estas respostas que há um reconhecimento da importância da leitura, que ela é agradável para a maior parte dos alunos, que para alguns tem um sentido utilitário e que apenas um número reduzido tem uma imagem negativa desta actividade.

Procurou-se, com a pergunta n.º 17, também de escolha múltipla, aprofundar as razões que levam os inquiridos a ler. Os resultados são apresentados na tabela 2.

*Tabela 2 - Eu leio porque...*

**Eu leio porque...**

Gosto de aprender	34
Aprendo melhor	18
É divertido	13
No futuro, será útil para arranjar emprego	28
Fico a conhecer melhor o mundo	23
Ajuda-me a conhecer-me a mim próprio	16
É uma distracção agradável	11
Só leio por obrigação	0

Surpreendentemente, na sequência das respostas à pergunta anterior, em que três dos inquiridos revelaram uma opinião negativa sobre a leitura, a opção “só leio por obrigação” não foi assinalada. Aqui, também, não houve respostas unânimes: a maior parte dos inquiridos, porém, relaciona a leitura com a aprendizagem (68% lê porque “gosta de aprender” e 36% porque “aprende melhor”). O conceito utilitário da leitura aparece bem patente em 56% das respostas, que assinalam “no futuro, será útil para arranjar emprego” como razão para ler. A curiosidade sobre o mundo é, para 46%, um bom fundamento para a leitura, bem como o conhecimento de si próprio, opção assinalada por 32% dos

respondentes. A maneira como as opções de resposta é apresentada pode condicionar os respondentes: só assim se justifica que, na pergunta anterior, 47% dos respondentes tenham considerado, nas respostas à pergunta n.º 15, que ler é divertido, enquanto que, nas motivações para a leitura, apenas 26%, cerca de metade, assinalada a opção “é divertido”. Da mesma forma, enquanto que ler é uma forma de passar bem os tempos livres para 38% dos respondentes, na resposta à pergunta que procurava apurar opiniões sobre a leitura, essa é considerada uma motivação de menor importância, obtendo apenas 22% de respostas. Verifica-se assim que as motivações para a leitura são diferentes da opinião sobre a mesma: aquelas estão mais relacionadas com a sua utilidade, que sobreleva o gosto da leitura por prazer. Não obstante, este está patente em cerca de metade das respostas.

Apurada uma motivação predominantemente escolarizada e utilitária da leitura, (comprovando o detectado pelos investigadores da realidade de outros países africanos), embora acompanhada de um sentimento de que a leitura tem qualidades intrínsecas que melhoram a vida de cada um, quis-se conhecer as preferências de leitura dos inquiridos. As respostas à pergunta n.º 18, de escolha múltipla, são apresentadas na Tabela 3.

*Tabela 3: Preferências de leitura*

Preferências de leitura	
Revistas ou jornais	25
Jornais desportivos	23
Histórias	35
Aventuras	21
Romances	14
E-mails	7
Facebook	23
Sites na Internet	15
Enciclopédias	4
Poesia	22

O género de leitura que reúne mais consenso entre os inquiridos são as Histórias, de qualquer género, preferidas por 70% dos respondentes. Às Histórias seguem-se, com pouca diferença entre si, as revistas e jornais em geral (50%) e os jornais desportivos em particular (46%), que reúnem tantas preferências como a leitura do Facebook; também a poesia é apreciada por 44% dos inquiridos, ligeiramente acima das Aventuras (42%). Continua a verificar-se, nestas respostas, uma preferência pelos géneros tradicionais, embora o digital se destaque relacionado sobretudo com o Facebook, embora alguns dos alunos também gostem de ler em sites da Internet (30%). Menos utilizado é o e-mail e, curiosamente, um pequeno número gosta de ler enciclopédias. A opção “outro”, que permitia uma resposta aberta, não obteve respostas. Note-se que, num mundo onde os livros não abundam, nem outros recursos de informação, as preferências de leitura estão forçosamente relacionadas com aquilo que os alunos têm à disposição, em casa e na escola (onde, como vimos, não há biblioteca).

Conhecendo estas limitações no acesso à leitura, e procurando recolher informação que permita melhorar o trabalho de promoção de hábitos de leitura na escola, indagou-se, através da pergunta n.º 19, em que condições os inquiridos consideravam que poderiam ler mais. Os resultados visualizam-se na Tabela 4.

Tabela 4: *Eu leria mais, se...*

Eu leria mais, se...	
Se tivesse mais tempo	21
Se gostasse mais	8
Se os livros fossem mais baratos	16
Se pudesse ir a uma biblioteca	23
Se os professores me ajudassem	7
Se os meus amigos também lessem	7
Se os livros não fossem tão complicados	5
Se a minha família também lesse	4
Se os livros não fossem tão aborrecidos	1
Se me lessem em voz alta	5

A maior parte dos alunos gostaria de ter acesso a uma biblioteca, conforme se pode ver pela predominância na escolha da opção “Se pudesse ir a uma biblioteca” (46%). Um número significativo reclama da falta de tempo, correspondendo a 42%, e 32% considera que leria mais se os livros fossem mais baratos. Outras opções assinaladas referem a falta de gosto pela leitura ou a dificuldade e desinteresse dos livros (“... complicados”, “... aborrecidos”...), a falta de ajuda dos professores, e a falta de hábitos de leitura na família e entre os amigos; um pequeno número de respondentes considera estimulante a leitura em voz alta, como motivação para ler mais. Uma vez mais se verifica que a falta de recursos e locais apropriados para a leitura, a falta de diversidade nos livros disponíveis e a falta de hábitos de leitura na família e na sociedade em geral não são motivadores para o desenvolvimento de hábitos de leitura. Alguns alunos gostariam de encontrar aqui mais apoio dos professores, o que é uma chamada de atenção para os profissionais.

Para concluir o questionário, procurámos concretizar e saber que tipo de actividades os alunos consideravam que os poderiam ajudar a ler. Esta pergunta era também de escolha múltipla e continha uma opção aberta para que os respondentes acrescentassem outras actividades. Esta opção não obteve

nenhuma resposta. Na tabela 5 apresentam-se os resultados obtidos a partir das respostas à pergunta n.º 20.

*Tabela 5: Que tipo de actividades achas que poderiam ajudar-te a ler?*

Que tipo de actividades achas que poderiam ajudar-te a ler?

Encontros com escritores	15
Jogos com histórias	13
Leituras na Internet ou tablet	15
Grupos de leitura	29
Concursos de leitura	13
Leituras encenadas / teatro	9

A opção mais escolhida pelos respondentes foi “Grupos de leitura” (58%), curiosamente o tipo de actividade que mais se aproxima da tradição oral ainda predominante em Angola, e com a qual os alunos certamente contactam em família, revelando a importância da comunicação com os outros e da partilha. As seguintes opções com mais respostas forma os encontros com escritores e as leituras na Internet ou tablet, ambas consideradas opções interessantes por 30% dos inquiridos. Com respostas muito próximas aparecem os jogos com histórias e os concursos de leitura (26% cada) e, por último, as leituras encenadas ou teatro, que congregaram a preferência de nove alunos (18%). O pouco interesse por esta última opção pode advir da falta de actividades culturais a que os alunos têm acesso, resultando em pouco contacto com espectáculos teatrais. O pouco contacto com as tecnologias da informação e o seu não relacionamento com práticas de leitura também podem explicar a pouca predominância das respostas relacionadas com a leitura digital.

As respostas a esta última pergunta prefiguram o tipo de estratégias que os docentes podem aplicar para promover hábitos de leitura junto dos seus alunos, baseando-as nas suas próprias preferências.

Com a Conclusão, capítulo que se apresenta em seguida, será finalizado o presente trabalho na sua parte textual.

## CONCLUSÃO

Foi objectivo deste trabalho conhecer os hábitos de leitura de um grupo de alunos do I Ciclo do Ensino Secundário da Escola Baptista – Huambo, na convicção de que esse conhecimento permitirá aos docentes desenvolver estratégias mais eficazes de promoção de hábitos de leitura. Na verdade, como pôde verificar-se pela revisão da literatura efectuada, e apresentada na contextualização teórica do estudo, a leitura faz crescer o indivíduo intelectual e psicologicamente, levando os alunos a desenvolver a imaginação, as emoções e os sentimentos de forma prazerosa e significativa. Os hábitos de leitura, desenvolvidos desde tenra idade, são também um importante factor do sucesso na aprendizagem e ao longo da vida, contribuindo para um crescimento equilibrado e harmonioso e o desenvolvimento de um espírito de cidadania crítica e interessada.

A criança que lê com maior desenvoltura, que se interessa pela leitura, aprende mais facilmente; neste sentido, a criança interessada em aprender transforma-se num leitor capaz. Sendo assim, pode-se dizer que a capacidade de ler está intimamente ligada à motivação. Infelizmente são poucos os pais que se dedicam efectivamente a estimular esta capacidade nos seus filhos.

Outro factor que contribui positivamente em relação a leitura é a influência do professor. Nesta perspectiva, cabe ao professor desempenhar um importante papel: o de ensinar a criança a ler e a gostar de ler. Professores que oferecem pequenas doses diárias de leitura agradável, sem forçar, mas com naturalidade, desenvolvem na criança um hábito que poderá acompanhá-la pela vida fora. Para desenvolver um programa de leitura equilibrado, que integre os conteúdos relacionados com o currículo escolar e ofereça uma certa variedade de livros e literatura como contos, fábulas e poesias, é preciso que o professor observe a idade cronológica da criança e principalmente o estágio de desenvolvimento de leitura em que se encontra.

Neste contexto, o professor tem que ser um instrumento motivador e desafiador, só assim será capaz de transformar o indivíduo em um sujeito activo, responsável pela sua aprendizagem para compreender o contexto em que vive

e o modificar de acordo com as suas necessidades. Se o professor acreditar que além de informar, instruir ou ensinar, o livro pode dar prazer, encontrará meios de mostrar isso à criança. E ela vai se interessar por ele, vai querer buscar no livro esta alegria e prazer – tudo está em ter chance de conhecer a grande magia que o livro proporciona.

Esta pesquisa visou assim apresentar a importância das estratégias que são fundamentais para a aquisição de conhecimentos, a recreação, a informação e a interação necessários ao acto de ler.

Aprender a ler, no entanto, é uma actividade que implica não somente a descodificação de símbolos, ela envolve uma série de estratégias que permitem o indivíduo a compreender o que lê, e pode-se observar que a capacidade para aprender está ligada ao contexto pessoal do indivíduo. A descodificação é apenas uma das várias etapas de desenvolvimento da leitura.

Em contrapartida, a base deve ser solidificada para que haja equilíbrio em todos os níveis da leitura - é lastimável porque encontramos alunos do I Ciclo a frequentar a 9ª Classe com professores de Língua Portuguesa que deviam mais trabalhar para edificar a base, porque senão o tema estará mais ligado ao processo do que ao sucesso. Isto depende muito dos professores, pelo empenho que demonstram e aplicam, ou pela capacidade de traçar novas metas e técnicas que lhes permitam ultrapassar este problema no sistema de ensino e aprendizagem.

A escola e a família são os agentes tradicionais e primordiais na promoção da leitura. Se o professor acreditar que, além de informar, instruir ou ensinar, é capaz, muitas vezes, de modificar a situação, transformando o impossível em possível, verificar-se-á que os alunos, depois de ultrapassarem as dificuldades de leitura e as barreiras iniciais, eles ganham gosto e prazer. E vão-se interessar fazendo leitura, buscando por gosto o saber, e vão descobrir o mundo que os rodeia através desta alegria e prazer da leitura. Tudo isto está relacionado com a descoberta da leitura. A leitura proporciona várias descobertas no indivíduo: o conhecimento, o saber, o prazer e a auto-estima.

Ao longo do presente trabalho apresentámos a importância dos hábitos de leitura e as principais estratégias para a sua promoção e desenvolvimento,

contextualizando nos países da África Sub-Sahariana com mais afinidades com Angola, onde os estudos sobre este tema rareiam. Assim, toda a exposição teórica teve em consideração os problemas e limitações desta zona geográfica do mundo, que devem levar à definição de estratégias adequadas à realidade concreta em apreço. Estes problemas e limitações relacionam-se com a falta de um verdadeiro mercado de livros, que democratize o seu acesso, com a quase inexistência de livros nas línguas nativas, com a falta de bibliotecas, com o analfabetismo das gerações precedentes, tudo isto contribuindo para manter uma cultura de tradição oral, onde nunca se implantou uma verdadeira cultura de leitura, considerada sobretudo de forma instrumental.

Respondemos à pergunta de partida através de um inquérito por questionário que nos permitiu caracterizar os hábitos de leitura de um grupo de alunos do I Ciclo do Ensino Secundário da Escola Baptista-Huambo, atingindo assim o nosso objectivo principal. Constatou-se que os alunos têm em geral uma opinião positiva da leitura, que a relacionam sobretudo com os suportes e géneros tradicionais, que predomina uma relação instrumental relacionada com o sucesso escolar, mas que também existe a percepção do prazer de ler e da dimensão cultural e íntima da leitura. Verificou-se que o ambiente familiar, embora privilegiado em relação à maioria da população angolana, é pouco propício à promoção da leitura, e que são sobretudo as mães e, por vezes, os irmãos e irmãs, que a estimulam, sendo a alfabetização feita primordialmente na Escola. O papel dos professores é reclamado, havendo espaço e receptividade para uma maior intervenção destes na socialização da leitura. Os alunos reconhecem que gostariam de ler mais e identificam os motivos para não lerem e as estratégias que os ajudariam a levariam a investir mais tempo na leitura. Confirmou-se a ainda relativa disseminação das novas tecnologias e a sua pouca relação, na mente dos inquiridos, com o acto de ler.

Através das respostas obtidas, e relacionando-as com a revisão da literatura, atingiram-se também os objectivos secundários: assim, fundamentaram-se teoricamente as estratégias de promoção da leitura e obteve-se informação que permitirá a criação de um plano estratégico de promoção da leitura na escola objecto de estudo. Estas estratégias deveriam idealmente ser

integradas na criação de uma biblioteca escolar que permitira um maior acesso a livros mais diversificados, mas, na sua ausência, os professores podem, com os recursos disponíveis, seguir os interesses demonstrados pelos alunos e criar grupos ou clubes de leitura, encontros com escritores, leituras digitais, jogos e concursos e também actividades teatrais. O uso de jornais e revistas, tão do agrado dos alunos, poderá ser aproveitado, bem como de contos, poesia, romances ou histórias de aventuras - o próprio gosto por textos sobre desporto pode ser aproveitado para promover a leitura.

Com o empenho de todos os agentes educativos será possível desenvolver hábitos de leitura nestes jovens e assim obteremos, no futuro, Médicos, Professores, Engenheiros Informáticos, Agrónomos, Empreendedores, Veterinários, tudo a partir da descoberta da grande magia da leitura.

## BIBLIOGRAFIA

- Adeole, I. M., & Adejoke, A. M. (2016). Promoting Reading Habit among Secondary School Students in Lagos State: The Role of Library & ICT . *Asian Journal of Education and e-Learning*, 4 (5), 145-152.
- Bellamy, C., & UNICEF (1999). *The state of the world's children, 1999. Education*. New York: UNICEF. Disponível em [https://www.unicef.org/publications/index\\_7358.html](https://www.unicef.org/publications/index_7358.html)
- Busayo, I. O. (2011). The School Library As a Foundational Step To Childrens' Effective Reading Habits (2011). *Library Philosophy and Practice*, 665. <http://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/665>
- Chambers, A. (1991). *The reading environment*. Sunnyvale: Trimble Press.
- Chumbow, B.S. (1981). Discovering the link between national development, education and language. In B.S. Chumbow (Ed.), *National Development, Language and Education in Southern Africa* (pp. 13-14). Denver, CO: Westview Press.
- Compton Lilly, C. (2003). *Reading families: The literate lives of urban children*. New York, NY: Teachers College Press.
- Darko-Ampem, K. (2004). *Reading habits of standard 5-7 pupils in Gabarone, Botswana: a pilot survey*. <http://www.64.233.183.104/search?q=cache:W7j21TuC6YwJ>.
- Dave, R. K. (1977). Reading through libraries with reference to Manipur: a critical studt. *Annals of Library Science and Documentation*, 24 (2), 82-85.
- Davidotvitch, N, Yavich, R. & Druckman, E. (2016). Don't throw out paper and pens yet on the reading habits of students. *Journal of International Education Research Fourth quarter*, 12 (4), 129-144.
- DeBruin-Parecki, A., & Krol-Sinclair, B. (Eds.) (2003). *Family literacy: from theory to practice*. Newark, DE: International Reading Association.

- Haliru, R.A., Abdulkarim, M., Mohammed, A.D. and Dangani, B. U. (2015). An assessment of reading habit among Secondary School students in Kaduna Metropolis. *Journal of Humanities and Social Sciences (IOSR-JHSS)*, 20(10), 12-17. <http://www.iosrjournals.org>.
- Dent, V., & Yannotta, L. (2005). A rural library in Africa: A study of its use and users. *Libri*, 55, 39 – 55
- Dumea, P. (2001). *Promoting a reading culture: The children's book project experience in Reading for all in Africa: Building communities where literacy thrives* (p. 57- 60), Newark, DE: International Reading Association.
- Gadsden, V. L. (1999). Intergenerational literacy within families. In M. L. Kamil, P. B. Mosenthal, P. D. Pearson, & R. Barr (Eds.), *Handbook of reading research* (Vol. III, pp. 871-887). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- International Reading Association (IRA) (2000). *Providing books and other print Materials for classroom libraries: A position statement of the International Reading Association*. Available at: <http://www.reading.org>
- Iziren, O. (1977). Opening address by Dr. O. Iziren, Chairman, Bendel State Board of Education, at the 4th Teacher Librarian Seminar, Benin-City, August 1977.
- Kotei, S.I.A. (1978). Some cultural and social factors of book reading in Africa, In Oluwasumni (Eds.), *Publishing in Africa in the Seventies*, Ile-Ife: University of Ife Press.
- Krolak, L. (2005). *The role of libraries in the creation of literate environment*. Hamburg, Germany: UNESCO Institute for Education.
- Kurtz-Costes, B. E., & Schneider, W. (1994). Self-concept, attributional beliefs, and school achievement: A longitudinal analysis. *Contemporary Educational Psychology*, 19(2), 199-216. <https://doi.org/10.1006/ceps.1994.1017>
- Makotsi, R. (2005). *Sharing resources: how library networks can help reach education goals*. London: Book Aid International.

- Nathanson, S., Pruslow, J., & Levitt, R. (2008). The reading habits and literacy attitudes of inservice and prospective teachers. *Journal of Teacher Education*, 59(4), 313-321.
- Ngwoke, R. I. (2016). Role of public library and ICT in promoting reading among students of English language in Abakaliki education zone of Ebonyi state, Nigeria. *Global Journal of Arts, Humanities and Social Sciences*, 4 (2) 64-75. <http://www.eajournals.org>.
- Nielen, T.M.J., & Bus, A.G. (2015). Enriched school libraries: A boost to academic achievement. *AERA Open*, 1(4), 1-11
- Panigrahi, C., & Panda, K.C. (2017). Reading Interests And Information Sources Of School Going Children : A Case Study Of Two English Medium Schools Of Rourkela, India. *Malaysian Journal of Library & Information Science*, 1 (1). <https://ajba.um.edu.my/index.php/MJLIS/article/view/1691>.
- Sangkaeo, S. (1999). Reading habit promotion in Asian libraries. *65th IFLA council and General Council and General Conference*, Bangkok, Thailand, Aug.20- 28th.
- Sarkodee, R., Asante, E. & Akussah, M. (2015). Relationship between Uses of Social Media on Reading Habits: Evidence from Senior High Students in Ghana. *Journal of Information and Knowledge Management*, 5 (11), 1-7. <http://www.iiste.org>.
- Sharma, J.N. (1976). Reading habits and its development. *Indian Librarian*, 32 (3), 171 –173.
- Smith, N., & Robinson, H. ((1980). *Reading instructions for today's children*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Ogugua, J. C., Emerole, N., Egwim, F.O. Anyanwu, A. I and Haco-Obasi, F. (2015). Developing a reading culture in Nigerian society: issues and remedies. *JORIND*, 13(1). <http://www.ajol.info/journals/jorind>.
- Ogunrombi, S.A. and Gboyega, A. (1995). Factors affecting the reading habits of secondary school students. *Library Review*, 44 (4) 50-57. <https://doi.org/10.1108/00242539510089750>.

- Oji, S. E., & Habibu, I. (2011). The Role of Schools and Public Libraries in Promoting Reading Habit among Children and Adolescents in Nigeria. *Journal of Information and Knowledge Management*, 1 (4), 33-40.
- Onwubiko, M.C. (1985). *A comparative study of reading interests of library educators and practising librarians at the University of Ibadan*, unpublished MLS dissertation, University of Ibadan, Ibadan, 1985.
- Oyewusi, F. O.(2016). *Understanding School Library Media Concepts*. Ibadan: Stirling-Horden.
- Pennac, D. (2010). *Como um romance*. Lisboa: ASA.
- Pierre, C.R. (2012). *The making of a reading society. Developing a culture of reading in Rwanda*. Liv.diva-potal.org/smash/get/diva2:549886/Fulltextol.pdf.
- Tella A. and Akande, S.O. (2007). Children reading habits and availability of books in Botswana primary schools: implications for achieving quality education. *Reading Matrix*, 7 (2). <http://www.readingmatrix.com/articles/adeyinka/article.pdf>.
- UNICEF (2017). *The state of the world's children, 2017. Children in a digital world*. New York: UNICEF.  
[https://www.unicef.org/publications/index\\_101992.html](https://www.unicef.org/publications/index_101992.html)

## **APÊNDICE - QUESTIONÁRIO SOBRE HÁBITOS DE LEITURA**

## Questionário sobre hábitos de leitura dos alunos do 1º Ciclo do ensino secundário da Escola Baptista – Huambo

Este questionário destina-se a recolher informação sobre os hábitos de leitura dos alunos do 1º Ciclo do ensino secundário da Escola Baptista – Huambo, no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Ciências da Educação da Universidade Portucalense (Portugal). Os dados recolhidos serão tratados de acordo com as normas da ética científica, e será respeitado o anonimato dos respondentes. Não há respostas certas, nem erradas. Pedimos-te por isso que respondas com sinceridade e nos ajudes a elaborar este estudo, que será importante para melhorar os teus hábitos e competências de leitura. Muito obrigada pela colaboração!

\* Required

### 1. Secção 1 - Caracterização dos respondentes. Género \*

*Check all that apply.*

- Masculino  
 Feminino

### 2. Idade \*

*Mark only one oval.*

- 11 anos  
 12 anos  
 13 anos  
 14 anos  
 mais de 14 anos

### 3. Habilitações literárias dos Pais: Pai \*

*Mark only one oval.*

- Não sabe ler nem escrever  
 Ensino Primário  
 Ensino Secundário (1.º ciclo)  
 Ensino Secundário (2.º ciclo)  
 Curso de Formação Profissional  
 Licenciatura  
 Outra

**4. Habilitações literárias dos Pais: Mãe \****Mark only one oval.*

- Não sabe ler nem escrever
- Ensino Primário
- Ensino Secundário (1.º ciclo)
- Ensino Secundário (2.º ciclo)
- Curso de Formação Profissional
- Licenciatura
- Outra

**5. Profissão do Pai \***

---

**6. Profissão da Mãe \***

---

**7. Número de irmãos \***

---

**Hábitos de leitura**

Nesta secção vamos tentar conhecer os teus hábitos de leitura.

**8. Gostas de ler? \****Mark only one oval.*

- Sim, muito
- Gosto bastante
- Gosto pouco
- Não gosto de ler

**9. Achas que lês bem? Assinala 1, se achas que lês muito mal, 2 se lês mal, 3 se lês mais ou menos, 4, se lês bem e 5 se achas que lês muito bem.***Mark only one oval.*

1      2      3      4      5

Acho que leio muito mal                  Acho que leio muito bem

**10. Com que frequência lês quando não estás na escola?***Mark only one oval.*

- Todos os dias, ou quase todos os dias
- Uma ou duas vezes por semana
- Uma ou duas vezes por mês
- Nunca, ou quase nunca

**11. Achas que lês o suficiente?***Mark only one oval.*

- Sim, acho
- Não, mas gostaria de ler mais
- Não, e não me interessa ler

**12. Sabes quantos livros existem em tua casa?***Mark only one oval.*

- Nenhum
- 1 a 10
- 11 a 50
- 51 a 100
- mais de 100

**13. Quem te ensinou a ler?***Mark only one oval.*

- Professor(a)
- Mãe
- Pai
- Irmãos ou irmãs
- Amigos
- Igreja

**14. Falas com alguém sobre leituras e livros?***Check all that apply.*

- Sim, com a minha mãe
- Sim, com o meu pai
- Sim, com os meus irmãos
- Sim, com amigos
- Sim, na escola, com os professores
- Sim, na Igreja
- Não falo com ninguém sobre livros

**15. Em tua casa, tens (podes assinalar várias opções):***Check all that apply.*

- computador
- tablet ou smartphone
- jornais ou revistas
- televisão

**16. Entre ler num livro impresso, ler num computador ou tablet, ler revistas ou jornais ou ver televisão, o que é que preferes?**

---

---

---

---

---

**Atitudes perante a leitura****17. O que é que pensas da leitura? Assinala todas as respostas com as quais concordas. \****Check all that apply.*

- Ler é uma coisa de raparigas
- Ler é aborrecido
- Ler é difícil
- Ler é importante
- Ler é só para estudar
- Ler é para passar os tempos livres agradavelmente
- Ler é divertido

**18. Quando não estás na escola, o que é que gostas mais de ler? Podes assinalar várias respostas.***Check all that apply.*

- Revistas
  - Jornais desportivos
  - Histórias
  - Aventuras
  - Romances
  - E-mails
  - Facebook
  - Sites na Internet
  - Enciclopédias
  - Poesia
  - Outro. Qual?
- 

**19. Eu leio porque... (assinala as respostas que correspondam à tua opinião)***Check all that apply.*

- Gosto de aprender
- Aprendo melhor
- É divertido
- No futuro, ler vai ajudar-me a encontrar um emprego
- Fico a conhecer melhor o mundo
- Ajuda-me a conhecer-me a mim próprio
- É uma distracção agradável
- Só leio por obrigação

**20. Eu leria mais, se... (assinala as respostas que correspondam à tua opinião)***Check all that apply.*

- Se tivesse mais tempo
- Se gostasse mais
- Se os livros fossem mais baratos
- Se pudesse ir a uma biblioteca
- Se os professores me ajudassem
- Se os meus amigos também lessem
- Se os livros não fossem tão complicados
- Se a minha família também lessem
- Se me lessem em voz alta
- Se os livros não fossem tão aborrecidos

**21. Que tipo de actividades achas que poderiam ajudar-te a ler mais? (assinala as respostas que correspondam à tua opinião)***Check all that apply.*

- Encontros com escritores
  - Jogos com histórias
  - Leituras na Internet ou no tablet
  - Grupos de leitura
  - Concursos de leitura
  - Leituras encenadas / teatro
  - Outra. Qual?
- 
-